Boletim Agropecuário

Nº 153, fev/2026

Epagri CEPA Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola

GOVERNO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DA AGRICULTURA E PECUÁRIA

GOVSC
SECRETARIA
AGRICULTURA
E PECUÁRIA

Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária
Carlos Chiodini

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann
Ensino Agrotécnico

Fabrícia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pesqueira

Jurandi Teodoro Gugel
Desenvolvimento Institucional

Reney Dorow
Ciência, Tecnologia e Inovação

Epagri
Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

Boletim Agropecuário

N° 153, fev/2026

Autores desta edição

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing
Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Lillian Bastian
Rogério Goulart Junior

Epagri
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

Florianópolis
2026

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)
Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)
Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5078
Site: https://cepa.epagri.sc.gov.br/
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Luis Augusto Araujo

Colaboração:

Adelina Cecilia de Andrade Berns
Andriele Caroline De Morais
Catherine Amorim
Bruna Parente Porto
Édila Gonçalves Botelho
Emile Dayara Rabelo Santana
Evandro Uberdan Anater
Gabriella Cristina Sevald
Lucas Trindade Borges
Maiara Antunes
Valdenize Pianaro
Valmir Kretschmer

Diagramação: Sidaura Lessa Graciosa

Capa: Bianca Ariela Eickel Barel

Edição: fev/2026 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014)

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria.
A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, https://cepa.epagri.sc.gov.br/. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite
Presidente da Epagri

Sumário

Grãos 7

Fruticultura 23

Hortaliças 29

Pecuária 39

Grãos

Arroz 8

Feijão 11

Milho 15

Soja 19

Grãos

Arroz

Glaucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. - Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

O mercado de arroz apresentou leve oscilação no primeiro decêndio de fevereiro. No Rio Grande do Sul, a média parcial de fevereiro fechou em R$54,27, o que representou um aumento de 1,47% em relação ao mês anterior. Em Santa Catarina, embora a média parcial estadual tenha fechado em R$48,42 em fevereiro, variação de -0,14% em relação ao mês anterior, na Praça Sul Catarinense, os preços já começam a dar sinais de valorização, em função da influência recebida do estado vizinho. Entre as possíveis explicações para essa elevação momentânea, destaca-se a queda no ritmo de negócios. Ou seja, diante dos baixos preços apresentados os produtores que estão capitalizados e dispõem de capacidade de armazenagem têm optado por segurar as vendas do grão na expectativa de aumento dos preços. Com o início da colheita e aumento da demanda por parte da indústria, esse fator pode ajudar a sustentar os preços, porém, longe de um cenário com reação significativa do mercado. Isto porque, os estoques continuam elevados, o andamento da safra 2025/26 vem dando sinais de normalidade e o mercado externo, embora um pouco mais atrativo, ainda não é suficiente para provocar elevação substancial dos preços internos.

Dessa forma, o cenário atual ainda preocupa os produtores, que vêm suas margens cada vez menores, e a indústria, que segue com a demanda desaquecida e estoques cheios, inviabilizando receber os grãos da nova safra. O setor segue pleiteando algumas ações para regular os preços, haja vista que o preço praticado não cobre os custos de produção.

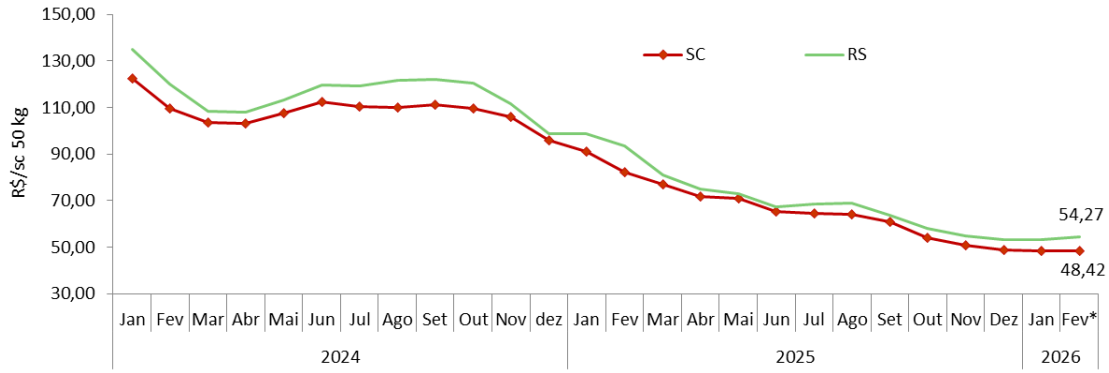


Figura 1. Arroz – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (abr./2024 a dez./2025*)
Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.
(*). Refere-se à média dos 09 primeiros dias do mês.
Fonte: Epagri/Cepa, fev./2026

Comércio Exterior

No que diz respeito ao comércio internacional de arroz, no ano de 2025 foram exportados US$ 2,16 milhões, tendo como principais destinos Trinidad e Tobago (28,5%), Cuba (20,6%) e Gâmbia (13,0%). Esse valor é 43,68% menor do que o exportado em 2024. Já no ano de 2026, o mercado parece estar mais atrativo. Em janeiro foram exportados o equivalente a US$306,90 mil, o que representa uma variação de 593,46% em relação ao mesmo período do ano anterior. A média parcial brasileira para os 5 primeiros dias de fevereiro, divulgado pelo MDIC, apontam para um aumento significativo das exportações nesse mês, o que deverá refletir nas exportações de Santa Catarina e possivelmente nos preços internos.
As exportações, são apontadas como uma saída para reduzir a pressão da oferta interna sobre os preços, porém até o momento, não tem resultado em volume suficiente, haja vista a limitada atratividade do mercado externo ao longo do ano e a atuação dos demais países do Mercosul de forma mais competitiva do que o Brasil.

Figura 2. Arroz – SC: evolução das exportações anuais – (2020 a 2026*)
Nota: * Para o ano de 2026 estão os dados de janeiro.
Fonte: Comex Stat/Mdic, fev./2026.

Do lado das importações, no ano de 2025 o volume que entrou no estado também foi significativamente menor em relação a 2024. Nos doze meses, entraram no estado 25,6 mil toneladas de arroz, totalizando US$ 12,03 milhões no acumulado do ano. Este valor foi 61,32% menor do que o registrado em 2024. A redução das importações neste ano é resultado de dois aspectos, o excesso de oferta interna em 2025 e a escassez da oferta em 2024, que levou a uma maior demanda do grão importado em 2024. Uruguai, Paraguai e Itália continuaram sendo os principais fornecedores do produto ao estado. Em janeiro de 2026, o estado importou 785 toneladas o que representa uma variação de -24,56% em relação à janeiro de 2024. Isto porque, a oferta interna continua alta e os preços baixos.

Acompanhamento de safra

A estimativa para a safra 2025/26 em Santa Catarina indica uma leve redução de área cultivada, projetada em 1,3% em relação à safra anterior. No Brasil, dados de fevereiro divulgados pela Conab apontam para uma área cerca de 11% menor do que a da safra passada e produção estimada em 10.577 mil toneladas (variação de -14,4% em relação à safra 2024/25). Essa retração de área está associada, sobretudo, à expressiva queda nos preços recebidos pelos produtores ao longo de 2024/25, o que dificultou a cobertura dos custos de produção e acabou desestimulando o plantio da nova safra, tanto nos principais estados produtores quanto em estados onde a cultura é utilizada como oportunidade ou para abertura de novas áreas, como estados do Centro-oeste e nordeste, onde as reduções nas áreas foram mais significativas. A produtividade também deve ser menor em Santa Catarina, estimada em 8.508 kg/ha, o que representa uma redução de 4,9% frente à safra passada. Essa queda, porém, reflete principalmente o desempenho excepcional registrado no ciclo anterior, com a atual safra retornando a níveis mais próximos da normalidade, mas também o menor aporte de recursos em insumos como adubação e agrotóxicos, diante do cenário de preços pagos menores que os custos de produção. A combinação entre menor área plantada e redução de produtividade deverá resultar em uma produção total de 1,220 milhão de toneladas. De forma geral, a expectativa é de uma safra normal com resultados positivos, ainda que menos expressivos do que os alcançados em 2024/25. Atualmente, 100% da área estimada para o estado de Santa Catarina já foi semeada, e 4% da área foi colhida até final de janeiro. Do que está a campo, 18% encontram-se em maturação, 69% em floração e 13% em desenvolvimento. O bom tempo observado nas últimas semanas no estado tende a favorecer o andamento da colheita.

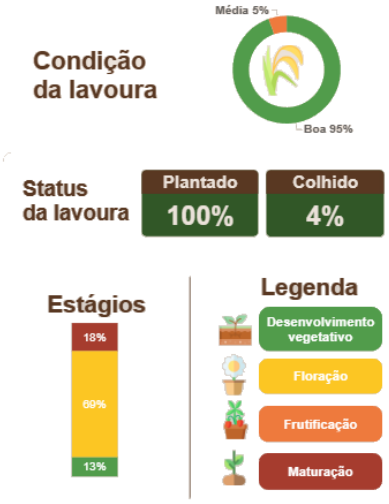


Tabela 1. Arroz – Comparativo de safras

Microrregião	2024/25			Estimativa safra 2025/26				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Araranguá	58.848	9.058	533.039	58.474	8.487	496.268	40,66	-0,64	-6,30	-6,90
Blumenau	7.048	9.883	69.654	6.993	8.950	62.590	5,13	-0,78	-9,44	-10,14
Criciúma	21.829	9.185	200.501	21.849	8.582	187.516	15,36	0,09	-6,56	-6,48
Florianópolis	1.894	6.946	13.155	2.115	6.611	13.983	1,15	11,67	-4,82	6,29
Itajaí	8.987	8.424	75.707	8.504	8.330	70.839	5,80	-5,37	-1,11	-6,43
Ituporanga	170	8.405	1.429	175	9.000	1.575	0,13	2,94	7,08	10,22
Joinville	17.709	8.366	148.150	17.525	8.313	145.685	11,94	-1,04	-0,63	-1,66
Rio do Sul	9.990	9.861	98.510	9.896	10.253	101.465	8,31	-0,94	3,98	3,00
Tabuleiro	132	8.045	1.062	120	8.900	1.068	0,09	-9,09	10,63	0,56
Tijucas	2.164	7.377	15.963	1.960	7.334	14.374	1,18	-9,43	-0,59	-9,95
Tubarão	16.523	8.633	142.648	15.852	7.895	125.158	10,25	-4,06	-8,54	-12,26
Santa Catarina	**145.294**	**8.946**	**1.299.818**	**143.463**	**8.508**	**1.220.521**	**100,00**	**-1,26**	**-4,90**	**-6,10**

Fonte: Epagri/Cepa, fev./2026

Grãos

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em Santa Catarina, o preço médio mensal recebido pelos produtores de feijão-carioca em janeiro teve variação negativa de 0,79%, fechando o mês em R$ 152,51/sc 60 kg. Para o feijão-preto, houve alta de 4,99%, fechando o mês em R$ 124,26/sc 60 kg. Na comparação anual, o preço médio da saca de feijão-preto está 29,32% mais baixo, em janeiro de 2025 havia sido foi cotado a R$ 175,80/sc 60 kg.

Tabela 1. Feijão BR - Comparativo de preços pagos ao produtor (sc 60 kg)

Estado	Tipo	Dez. /25	Jan. /26	Variação mensal (%)	Jan. /25	Variação anual (%)
Santa Catarina	**Feijão-carioca**	**153,73**	**152,51**	**-0,79**	**139,76**	**9,12**
Paraná		193,73	221,43	14,30	180,24	22,85
Minas Gerais		220,92	236,25	6,94	219,12	7,82
Bahia		220,33	234,75	6,54	263,20	-10,81
São Paulo		241,77	234,75	-2,90	229,35	2,35
Goiás		223,01	229,76	3,03	208,11	10,40
Santa Catarina	**Feijão-preto**	**118,35**	**124,26**	**4,99**	**175,80**	**-29,32**
Paraná		117,89	145,18	23,15	172,68	-15,93
Rio Grande do Sul		106,24	109,14	2,73	177,76	-38,60

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI
Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (BA, GO, MG, SP), Deral (PR), fev. /2026.

O movimento de valorização observado no mercado de feijão ao longo de janeiro ganhou força neste início de fevereiro, com destaque para o feijão-carioca. No Paraná, alta de 14,3%, com a saca de 60kg fechando o mês de janeiro em R$ 221,43. Movimento semelhante foi observado para o feijão-preto, que registrou alta nos três estados da Região Sul. Ainda no estado do Paraná, as cotações do produto alcançaram alta mensal de 23,15%, entretanto, acumula grande desvalorização quando comparado aos preços praticados em janeiro do ano anterior, quando a média era de R$ 172,68, ou seja, variação anual negativa de 15,93%. Segundo o Deral, essa queda nas cotações anuais continua influenciando a decisão de plantio dos produtores. Em nível nacional, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), a conclusão da colheita no Paraná, aliada às chuvas no Cerrado, reduziu a disponibilidade do produto nas principais regiões produtoras. A combinação entre menor oferta e postura mais firme dos produtores tem sustentado as altas nas cotações.

Safra Nacional

Até o final de janeiro de 2026, segundo a Conab, a semeadura nacional da safra de feijão 1ª atingiu 88,8% da área de cultivo da leguminosa. Segundo a Conab, já foram colhidos cerca de 35,3% da área plantada, 9,7% encontrava-se em desenvolvimento vegetativo; 6,3% em floração; 19,6% em enchimento de grãos; 20,4% em maturação, e 8,7% em emergência.

No Monitoramento Semanal das Condições de Lavoura da Conab, até a primeira semana de fevereiro, o panorama nos estados indica boas condição para a safra de feijão 1ª em todo país. Em Minas Gerais, bons volumes de chuva foram registrados na maioria das regiões produtoras,

muito embora o excesso de umidade tenha afetado o avanço da colheita e a qualidade de alguns lotes. Na Bahia, cerca de 25% da área plantada já está colhida, o cenário tem sido positivo, com chuvas mais regulares. Em Goiás, chuvas volumosas seguem limitando o avanço da colheita, além de começarem a gerar perdas pontuais de qualidade dos grãos. No PR, a colheita encontra-se em fase final, favorecida pelo tempo seco da última semana de janeiro. O restante das lavouras se encontra em maturação e enchimento dos grãos. No RS, a maior parte da semana foi de clima mais estável, favorecendo o avanço da colheita, que se aproxima da metade da área total. A condição geral das lavouras é boa, sendo que a umidade nos solos ainda se mantém adequada para atender a demanda da cultura.

A safra nacional de feijão é comporta por três ciclos de cultivo, possuindo três épocas distintas de plantio, o que favorece uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro; o feijão de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de feijão de terceira safra, semeado de maio a julho. Para 2025/26 de feijão 1ª safra, as projeções da Conab são de uma redução de 7,4% na produção nacional, passando de 1,06 milhão de toneladas, para atuais 983,6 mil toneladas. Entre os tipos de feijão cultivados na 1ª safra nacional, cerca de 61,7% é do tipo Cores; 21,3% do tipo Preto e 17,0% do tipo Caupi. Podemos verificar ainda que o feijão 1ª safra 2025/26 deverá contribui com cerca de 32,3% da produção nacional de feijão total.

Tabela 2. Feijão total BR – produção nacional e participação por tipo de feijão e safra.

Safra 2025/26	Feijão-cores	Feijão-preto	Feijão-caupi	Feijão total	Cores	Preto	Caupi	Feijão Total
Tipo de feijão	Produção (mil t)				Participação (%)			Participação (%)
Feijão 1ª safra	606,70	209,70	166,80	983,60	61,7	21,3	17,0	32,3
Feijão 2ª safra	447,10	485,00	428,10	1.360,20	32,9	35,7	31,5	44,6
Feijão 3ª safra	650,60	16,20	36,00	702,60	92,6	2,3	5,1	23,1
Feijão total	1.704,40	710,90	630,96	3.046,40	55,9	23,3	20,7	100,0

Fonte: Conab, fev./2026.

Safra Catarinense

Feijão 1ª Safra

Nas MRG's de Araranguá, Criciúma e Tubarão, na região do Litoral Sul Catarinense, cerca de 30% da área destinada ao cultivo de feijão 1ª safra já foi colhido. Para as lavouras ainda a campo, 46% da área encontra-se em fase de floração e 55% em fase de maturação. As condições de lavouras são consideradas boas em 94% da área plantada e média em 6% da área. A partir da segunda quinzena de janeiro, foram registrados bons volumes de chuvas e declínio da temperatura, com registro de temperaturas mínimas de 15°C na maioria dos municípios.

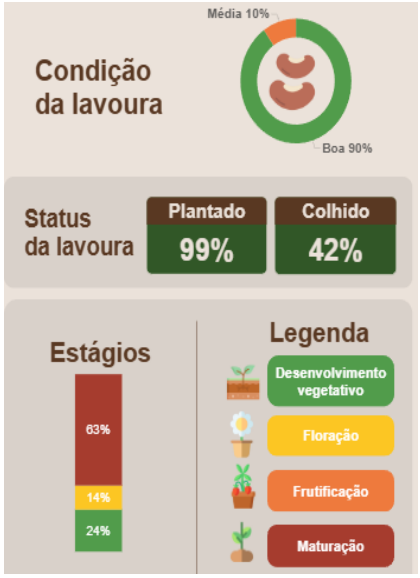
Para as MRG's de Chapecó e Xanxerê, aproximadamente 50% da área destinada ao cultivo dessa safra encontra-se colhido, nos outros 50%, as lavouras estão em fase de maturação. A condição de lavoura é considerada boa em 90% da área que resta ser colhida. As condições de tempo firme observadas ao longo da última semana, com baixa ocorrência de chuvas, têm favorecido a secagem natural das plantas, com vagens e folhas predominantemente secas, facilitando o avanço das operações de colheita. Em relação à produtividade, ainda é cedo para estimativas mais precisas, as quais deverão ser melhor avaliadas à medida que a colheita avançar.

Na MRG de São Miguel do Oeste, no Extremo Oeste do estado, em cerca de 92% da área plantada já foi totalmente colhida. As temperaturas elevadas nesse início de fevereiro têm acelerado a maturação das lavouras restantes. Essa safra tem sido considerada muito boa para a cultura do feijão em toda região. Na MRG de Canoinhas, as condições de lavouras são boas. Até o final de janeiro, cerca de 95% da área plantada já havia sido colhida.

Mas MGR's de Ituporanga e Joaçaba, que juntas respondem por cerca de 12% da produção estadual, a falta de chuvas tem prejudicado o desenvolvimento das lavouras. Na MRG de Ituporanga, 60% da área plantada encontra-se em floração e 40% está em fase de maturação. Já na MRG de Joaçaba, aproximadamente 10% da área plantada encontra-se em desenvolvimento vegetativo; 70% já avançou para a fase de florescimento e apenas 10% encontra-se em maturação. Em função da falta de chuvas, as lavouras mais atrasadas podem provocar uma diminuição na produtividade média.

Já na MGR de Campos de Lages, região do Planalto Serrano, onde estão localizadas as áreas de maior altitude e de temperaturas mais baixas, as lavouras estão iniciando o florescimento. O baixo volume de chuva que estamos presenciando na região nas últimas semanas preocupa os produtores e prejudica o desenvolvimento das plantas. Cerca de 90% da área plantada encontra-se em fase de desenvolvimento vegetativo, e em aproximadamente 10%, as plantas avançaram para a fase de florescimento.

Em todo estado, até o final de janeiro, 42% da área destinada ao cultivo de feijão 1ª safra no estado já havia sido colhida. O estágio de desenvolvimento predominante é a maturação com 63% da área. Em relação às condições de lavoura, em 90% das áreas avaliadas, a condição de lavoura é considerada boa e em 10% a condição média. O clima mais úmido e quente registrado nas últimas semanas e o excesso de umidade tem afetado as operações de colheita, que avançaram em ritmo mais lento.



Para a safra 2025/26 de feijão 1ª que está à campo, nossas estimativas apontam para uma área plantada de 32, 9 mil hectares, redução de 5,68% em relação à safra anterior. A produtividade média estimada está em 2.040 kg/ha, contra 2.054 kg/ha alcançados anteriormente, ou seja, uma leve redução de 0,70%. Em se confirmando essas estimativas, a produção dessa safra deverá chegar a 67,1 mil toneladas, volume que representa uma redução de 6,32% em relação à safra anterior.

Com a colheita se aproximando da metade da área plantada, a MRG de Xanxerê lidera a produção estadual de feijão 1ª safra, respondendo por cerca de 23,28%. A MRG de Canoinhas segue em segundo lugar, com 18,17%, seguido por Campos de Lages com 17,30% e Chapecó com 13,57%.

Tabela 3. Feijão 1ª Safra – SC: Comparativo de safras

Microrregião	Safra 2024/2025			Estimativa Safra 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtividade	Produção
Araranguá	60	1.355	81,285	11	1.304	14	0,02	-81,67	-3,79	-82,36
Blumenau	117	1.264	147,9	117	1.416	166	0,25	0,00	11,99	11,98
Campos de Lages	6.185	1.677	10.370	6.415	1.810	11.614	17,30	3,72	7,96	12,00
Canoinhas	7.700	1.856	14.293	6.850	1.780	12.196	18,17	-11,04	-4,07	-14,67
Chapecó	4.330	2.592	11.224	4.152	2.194	9.109	13,57	-4,11	-15,36	-18,84
Concórdia	305	1.236	377	302	1.471	444	0,66	-0,98	19,05	17,87
Criciúma	568	1.461	830	30	1.210	36	0,05	-94,72	-17,18	-95,63
Curitibanos	1.830	2.450	4.484	1.379	2.239	3.088	4,60	-24,64	-8,60	-31,14
Itajaí	150	1.200	180	3	1.500	5	0,01	-98,00	25,00	-97,50
Ituporanga	845	2.001	1.691	915	2.038	1.865	2,78	8,28	1,86	10,29
Joaçaba	2.640	2.579	6.810	2.649	2.579	6.831	10,18	0,34	-0,01	0,31
Rio do Sul	757	1.879	1.422	687	1.900	1.306	1,95	-9,25	1,14	-8,19
São Bento do Sul	600	1.648	989	530	1.557	825	1,23	-11,67	-5,51	-16,55
São Miguel do Oeste	1.828	2.380	4.350	1.277	2.358	3.012	4,49	-30,14	-0,91	-30,77
Tabuleiro	325	1.791	582	305	1.800	549	0,82	-6,15	0,50	-5,67
Tijucas	170	1.489	253,1	80	1.611	129	0,19	-52,94	8,21	-49,07
Tubarão	570	1.385	789,53	250	1.212	303	0,45	-56,14	-12,51	-61,63
Xanxerê	5.908	2.162	12.774	6.956	2.246	15.626	23,28	17,74	3,90	22,33
Total Geral	**34.888**	**2.054**	**71.647**	**32.908**	**2.040**	**67.117**	**100,00**	**-5,68**	**-0,70**	**-6,32**

Fonte: Epagri/Cepa, fev./2026.

Grãos

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Tarik Cuchi
Engenheiro-florestal, Dr. Epagri/Cepa
geo.observatorio@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

Após apresentar elevação sequencial nos preços nos meses anteriores, no início de janeiro o preço ainda se registra recuo (Figura 1 e 2). No início de 2026 ainda há reflexo da safra recorde no Brasil e Estados Unidos. O início de colheita da safra no sul do Brasil abre expectativa de oferta a curto prazo. O relatório do USDA[1] de janeiro de 2025 elevou a produção mundial em 14 milhões de toneladas, com volumes abundantes e estoques remanescentes até 2025. Em fevereiro o USDA mantém as estimativas de produção. Estes fatores pressionam os preços em janeiro e início de fevereiro, levando ao recuo superior dos preços.

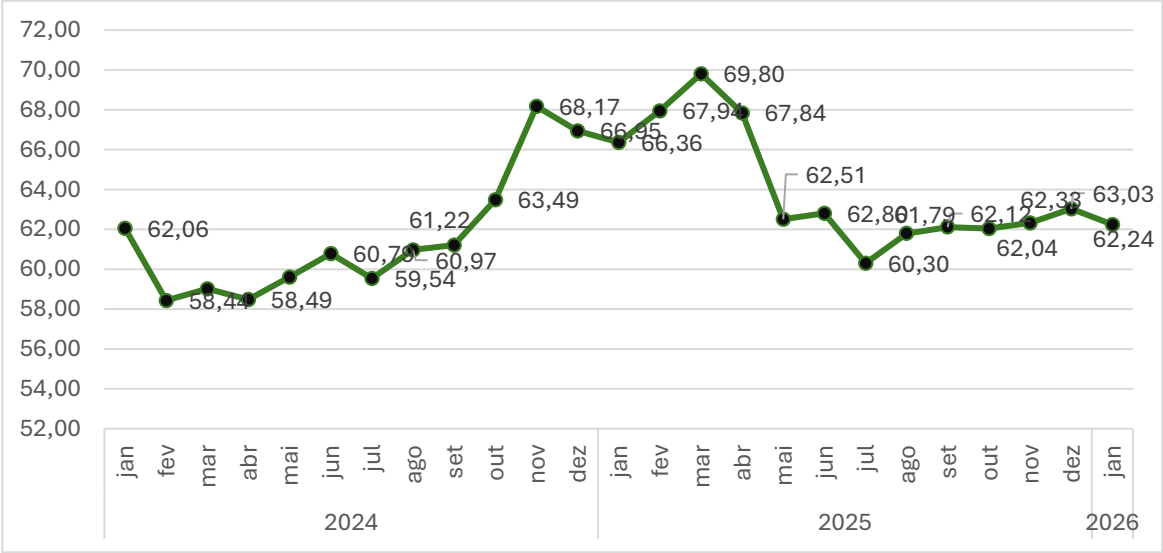
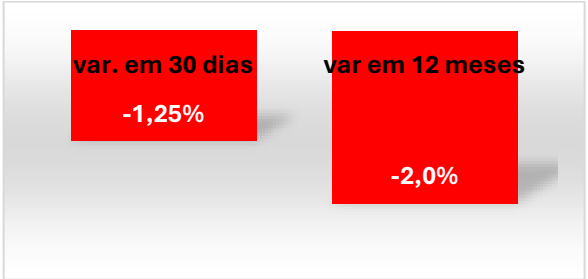


Figura 1. Milho - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (jan. /2024 a jan. /2026).
Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro, 2026.

Variação de preços



A variação dos preços nos dois cenários foi na mesma direção, em 30 dias (nov-2025) houve recuo de 1,25%, e nos últimos 12 meses, de janeiro de 2025 a janeiro de 2026) a variação também foi negativa, de 2%.

Figura 2. Milho - SC: Variação dos preços em 12 meses e 30 dias (dezembro).
Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro de 2026.

[1] Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 25, February 2026

Fatores de mercado do milho no início de fevereiro de 2026

1. **Pressão de Oferta e Colheita (Viés de Baixa):** O avanço da colheita de milho primeira safra no Brasil e a existência de estoques de passagem elevados são os principais responsáveis pela pressão negativa nos preços (Figura 3)
2. **Demanda Industrial: Etanol e DDG (Viés de Alta):** O aumento do consumo de milho para a produção de etanol (tanto no Brasil quanto nos EUA) e a abertura de novos mercados de exportação para o DDG (como a China) criam um "piso" importante para os preços, absorvendo parte do excedente.
3. **Cenário Externo (CBOT) (Viés de Alta):** A Bolsa de Chicago (CBOT) mostra sinais de recuperação, impulsionada pela alta da soja e boas vendas de exportação dos EUA. Isso ajuda a sustentar os preços de paridade nos portos brasileiros.
4. **Exportações de milho pelo Brasil cresce em janeiro de 2026.** Em janeiro o Brasil exportou mais de 4,2 milhões de toneladas, 18% acima do que período anterior. Fato que poderá representar recuperação de preços a médio prazo.
5. **Fragilidade dos Preços Regionais (Viés de Baixa):** Apesar do suporte externo, o mercado físico no interior do Brasil (spot) segue fraco, com compradores cautelosos e margens de negociação amplas.

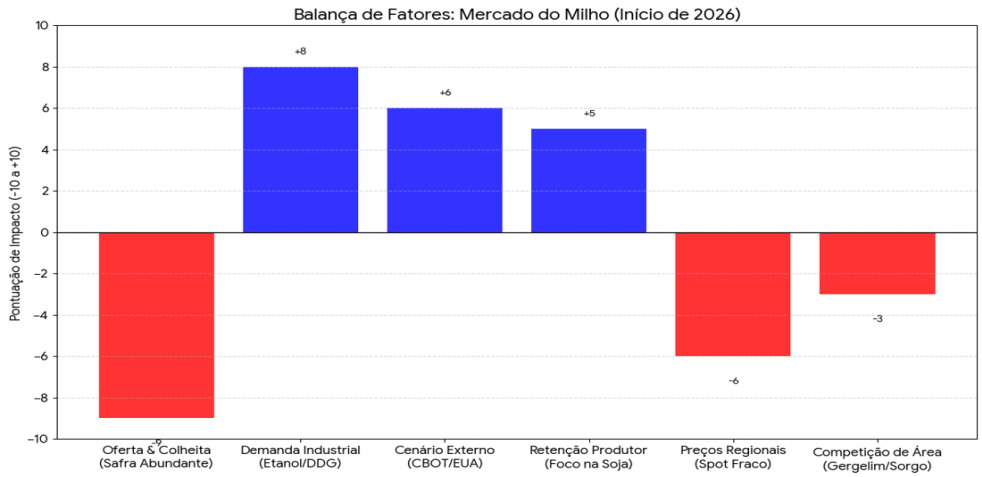


Figura 3. Milho – Fatores que influem no mercado do milho no início de fevereiro de 2026.
Fonte: Consulta em mais de 30 matérias sobre mercado do milho, Bloonberg, Esalq-Cepea, Investing.com, USDA e outras com auxílio de IA em consultas e levantamento de fatores de mercado, pontuação e impacto.
Elaboração e análise: Epagri/Cepa, fevereiro, 2026.

Safra 2025/2026

	2025 / 26	2024 / 25	Variação
Área plantada (ha)	258.618	255.761	1,12%
Produtividade Média (kg/ha)	8.744	9.852	-11,25%
Quantidade Produzida (t)	2.261.269	2.519.658	-10,25%

Após a excelente safra registrada em 2024/25, em termos de produtividade, o produtor teve estímulo para aumentar a área de cultivo na atual safra de 2025/26. Para milho-grão a elevação da área de 1,12% (Figura 3) superior à safra anterior. A safra em curso (2025/2026) é considerada normal até o momento, com problemas climáticos localizados.

Figura 4. Milho-grão primeira 2025/26: área, produção e rendimento, comparativo com a safra 2023/24.
Fonte: Epagri- Cepa, fevereiro de 2026.

NDVI – Índice de vegetação, sinais de boa safra no estado

O NDVI (*Normalized Difference Vegetation Index*) é um índice que mede o vigor e a saúde da vegetação, variando de -1,0 a +1,0 com base na absorção de luz vermelha e reflexão do infravermelho próximo, obtidas por imagem de diferentes satélites. Conforme os dados GEOGLAM Crop Monitor (2025), o milho de verão em Santa Catarina exibe um desempenho acima da média histórica na safra 2025/2026, com o Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) atingindo o limite superior da variabilidade histórica de dez anos, indicando um acúmulo de biomassa verde superior à média. Na atual fase de enchimento de grãos e aproximação da maturação fisiológica, a cultura se beneficia de uma eficiência fotossintética máxima, na qual a alta interceptação de radiação solar tem ocorrido sem o comprometimento por estresse térmico severo, apesar de picos pontuais de temperatura máxima registrados entre dezembro e janeiro. As condições do NDVI poderão garantir boas produções caso se restabeleça a manutenção da fração hídrica em subsuperfície, portanto, ainda depende de chuvas em fevereiro para manter e recuperar o suporte hídrico necessário para o período de maior demanda evapotranspiratória do ciclo (GEOGLAM, 2025).

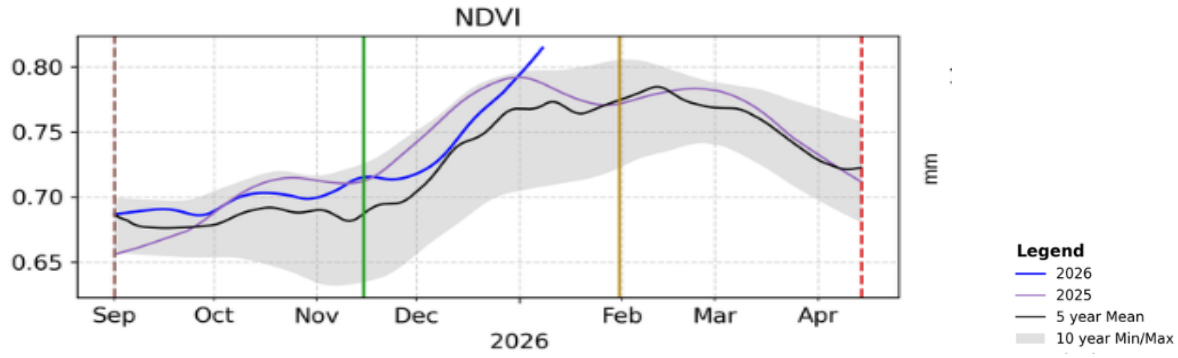


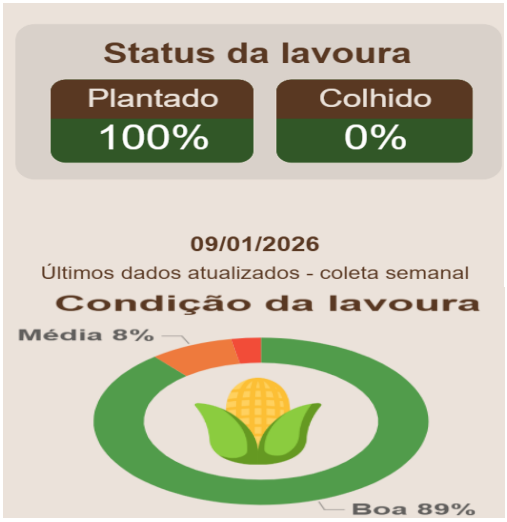
Figura 5. Milho – Evolução dos índices NDVI, de lavouras de milho em Santa Catarina até 20 de janeiro de 2026.
Fonte: GEOGLAM Crop Monitor (2025).
Elaboração Epagri/Cepa. Fevereiro, 2026.

Giro da Safra 2026[2] – metodologia de levantamento da produtividade de milho em pré-colheita

A iniciativa visa qualificar o monitoramento da produtividade do grão, incorporando variáveis quantitativas às informações qualitativas já levantadas no sistema de acompanhamento de safra do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola da Epagri (Epagri/Cepa). Em 2026, o evento está sendo realizado em duas etapas, abrangendo diferentes regiões produtoras do estado. Na região do extremo oeste, os resultados parciais do Giro da Safra apontam para produtividades médias superiores a 180 sacas por hectares, que corresponde a mais de 10 toneladas/ha em cerca de 50 lavouras amostradas até dia 10 de fevereiro, de um total de 85 lavouras sorteadas por imagens de satélite. A produtividade levantada está acima das estimativas iniciais da safra em andamento.

Condições das lavouras e calendário

[2] https://blog.epagri.sc.gov.br/giro-da-safra-2026-reforca-papel-estrategico-do-milho-em-santa-catarina/



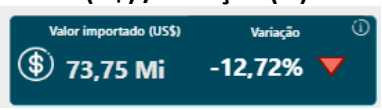
Lavouras na primeira safra, 100% plantado: com 22% em estágio vegetativo, 73% em floração e enchimento de grãos e 5% em maturação fisiológica, início de colheita.
A condição das lavouras está com 89% boas até o momento, 11% em condições médias a ruim.
Perspectiva positiva de produtividade até o momento, apesar das irregularidades climáticas (período de estiagem) na região oeste.
A produtividade esperada é inferior ao ciclo passado, a qual foi recorde, mas ainda considerada boa.

Figura 6. Milho-grão primeira: Condição de desenvolvimento das lavouras, na primeira semana de dezembro.
Fonte: Epagri- Cepa, fevereiro de 2026.

Importações de milho por Santa Catarina

Quantidade /Variação

Valor (U$) /Variação (%)



As importações de milho por Santa Catarina em 2025. No acumulado do ano foram compradas mais de 434 mil toneladas, 8,28% inferior ao mesmo período do ano anterior.

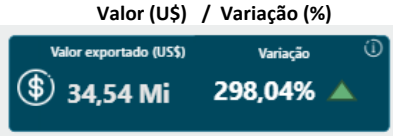
O valor das importações está inferior ao mesmo período de 2024 em 12,7%. A origem principal das compras é do Paraguai.

Figura 7. Milho-grão. Importações por Santa Catarina em 2025, no acumulado até novembro de 2025 e comparativo ao mesmo período de 2024.
Fonte: Observatório do Agro SC. ComexStat/Mdic, fevereiro de 2026.
Elaboração: Epagri/Cepa.

Exportações de milho por Santa Catarina

Quantidade / Variação

Valor (U$) / Variação (%)



Apesar de déficit relevante do cereal para o estado (+ de 6 milhões de toneladas por ano) necessárias para as cadeias produtivas de suínos, aves e bovinos; O estado exportou em 2025, o volume de 146,8 mil toneladas de milho em grão, 254% superior a 2024.
Em termos de valor, representou 34,5 milhões de dólares, 298% superior ao período do ano anterior. As origens destas exportações são de regiões produtoras mais próximas dos portos do estado, onde os preços são mais atrativos que o mercado interno, em função da logística.

Figura 8. Milho - SC: Exportações por Santa Catarina em 2025. Comparativo com ano anterior – 2024.
Fonte: ComexStat/Mdic, fevereiro/2026
Elaboração: Epagri/Cepa.

Grãos

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado da soja

Desde agosto de 2025, os preços ao produtor, média mensal, estão oscilando em torno de R$125,00/sc (Figura 1). Em janeiro a cotação teve queda de 3,7% (Figura 1 e 2), registro de R$120,7 reais/sc. A elevação das exportações de outubro e novembro pelo Brasil, com volume superior a 100 milhões de toneladas em 2025 foi um fator importante. No entanto, a safra volumosa na América Latina em 2025, e a elevação da oferta global da oleaginosa tem pressionado os preços no fim do ano. No relatório de janeiro de 2026 o USDA[3] eleva a produção mundial em 3 milhões de toneladas (435,6 milhões de toneladas). Outros fatores estão movimentando o mercado (Tabela 1). Em fevereiro, até dia 10, registra novo recuo dos preços, cotação de R$116,00/sc em algumas praças[4].

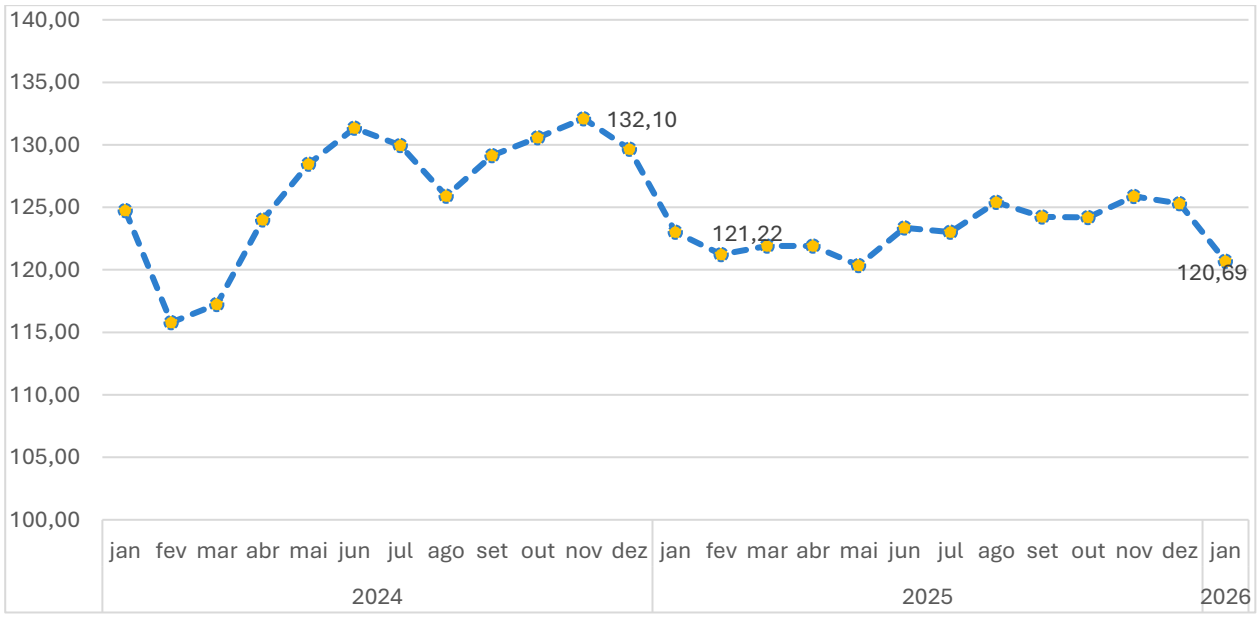
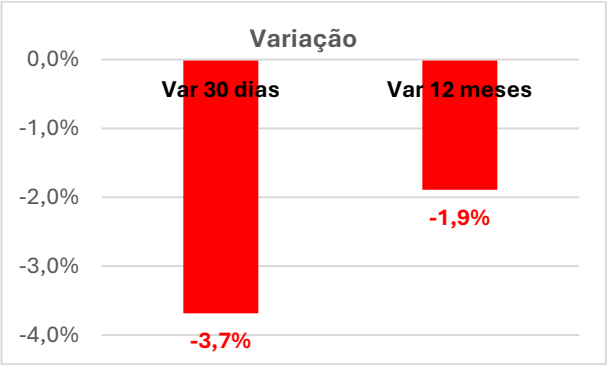


Figura 1. Soja - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (out. /2024 a jan. 2026)
Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro de 2026

[3] Global Market Analysis: Foreign Agricultural Service/USDA 26 January 2026 Global Market Analysis
[4] Infoagro, consulta em 11 de fevereiro de 2026.

Variação dos preços



A variação dos preços nos dois cenários foi na mesma direção, em 30 dias (dez-2025) houve recuo de 3,7%, e nos últimos 12 meses dez. 2024 a dez/2025) a variação também foi negativa de 1,9%.

Figura 2. Soja - SC: Variação dos preços médio real mensal ao produtor em 30 dias e 12 meses (base dez/2025)
Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2026.

Fatores que influem o preço da soja em início de fevereiro/2026

Tabela 1. Soja - SC: Fatores prevalentes de mercado internacional de soja com reflexo no Brasil.

Fatores de Alta	Fatores de Baixa
- Expectativa de compras da China (Acordo EUA e China --Trump/Xi). - China pode comprar mais soja dos EUA para melhorar relações comerciais, o que sustenta os preços futuros da soja.	Início da colheita no Brasil: produção e estoques globais elevados (Brasil e EUA). No relatório de fevereiro/2026 os USDA[5] eleva a produção global cerca de 3 milhões de toneladas.
Aumento no volume de contratos e interesse dos traders indica maior atividade compradora por expectativas comerciais.	Ajustes do relatório WASDE com estoques maiores nos EUA.
Eventual risco climático na América do Sul limitando quedas.	Pressão de leilões e ritmo de vendas abaixo do esperado
	Liquidez fraca no Brasil e foco do produtor em segurar oferta.

Fonte: USDA, CBOT, Esalq-Cepea, Investing.com, bloonberg.
Elaboração: Epagri/Cepa, fevereiro/2026

[5] Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 15. Global Market Analysis. February, 2026

Safra Catarinense 2025/2026

Após mais de uma década de crescimento contínuo da área destinada à soja em Santa Catarina, a estimativa inicial para a safra 2025/26 indica uma redução de 1,64% (Tabela 1). Esta área está sendo retomada pelo cultivo do milho-grão, silagem e aumento da área cultivada do tabaco no sul do estado. A retração dos preços desde 2024 e 2025 explicam este comportamento.

Figura 3. Soja 1º safra - Área, produção e rendimento. Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26.
Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras. https://cepa.epagri.sc.gov.br/.

Calendário e condição das lavouras:

Até a primeira semana de fevereiro 100% foram semeadas. Cerca de 67% em estágio vegetativo e 29% em floração e enchimento de grãos. A condição das lavouras está 90% boa até o momento. No Oeste do estado, nos últimos 30 dias (10 de jan. a 10 de fev.), as chuvas não chegaram a 50 mm, conforme Agroconect/Ciram. Nas áreas mais tardias, a cultura da soja encontra-se predominantemente em fase de floração e enchimento de grãos. As condições de tempo mais seco observadas em janeiro e início de fevereiro têm reduzido a disponibilidade de umidade no solo, resultando em manchas com sinais de estresse hídrico e início de secamento em pontos mais afetados. A evolução do ciclo e o potencial produtivo dessas lavouras seguem dependentes da ocorrência de chuvas nas próximas semanas. Devido a este período longo sem chuvas, estima-se que que ocorra uma redução no potencial produtivo de algumas regiões que foram mais afetadas em período de enchimento de grãos.

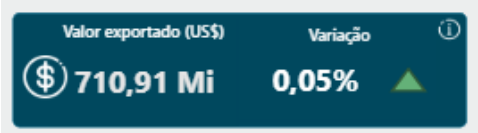
Figura 4. Soja - SC: Calendário e condições das lavouras, safra 2025/2026, primeira semana de fevereiro/2026.
Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2026

Exportações de soja por Santa Catarina

Quantidade exportada em 2025:

No acumulado do ano de 2025 foram, foram exportados 1,68 milhão de toneladas do complexo soja, 4,18% superior ao ano anterior (Figura 4).

Valor exportado em 2025 (até novembro):



Em termos de valor exportado, foi de 707 milhões de dólares, 0,47% inferior a 2024, em função do volume e cotação internacional do produto.

Figura 5. Soja – Exportação do complexo soja em 2025.
Fonte: ComexStat/Mdic, fevereiro/2026.

Fruticultura

Maçã 24

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

O mercado de maçãs em Santa Catarina durante dezembro de 2025 e janeiro de 2026 foi caracterizado pela desvalorização de preços no atacado das maçãs com aumento na demanda pela fruta. No mercado atacadista nacional a maior demanda pela fruta nacional valorizou as cotações no início de 2026. No mês de fevereiro, a expectativa é de desvalorização nos preços no atacado com aumento da oferta das frutas no mercado nacional devido a colheita e a presença das frutas importadas.

Preço no atacado e mercado estadual

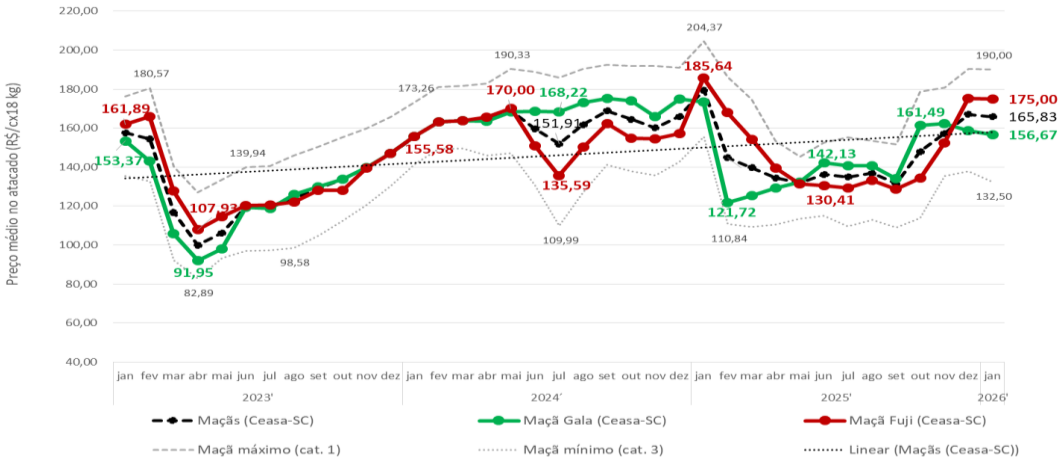


Figura 1. Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado de SC
Nota: Preço corrigido pelo IGP-DI (jan/26=100).
Fonte: Epagri/Cepa e Prohort/Conab

Na Ceasa/SC, entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, houve desvalorização de 0,7% no **preço médio das maçãs** com a comercialização de maçãs precoces e final de estoque da fruta da safra passada. Em comparação ao mês de janeiro de 2025 houve desvalorização de 7,6%; mas com cotações 6,6% acima das do mesmo mês em 2024.

A **maçã Gala** contribuiu com desvalorização de 1,2% nos preços, entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, e com desvalorização de 9,6% em comparação a janeiro de 2025; mas, valorização de 0,7% em comparação com 2024.

Já a **maçã Fuji** contribuiu com desvalorização de 0,2% nos preços, entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, e com desvalorização de 5,7% em comparação a janeiro de 2025; mas, valorização de 12,5% em comparação com 2024.

Em fevereiro, a expectativa é de desvalorização nos preços no atacado com a colheita da maçã Gala na safra corrente e consequente aumento da oferta no mercado.

Preço no atacado e mercado nacional

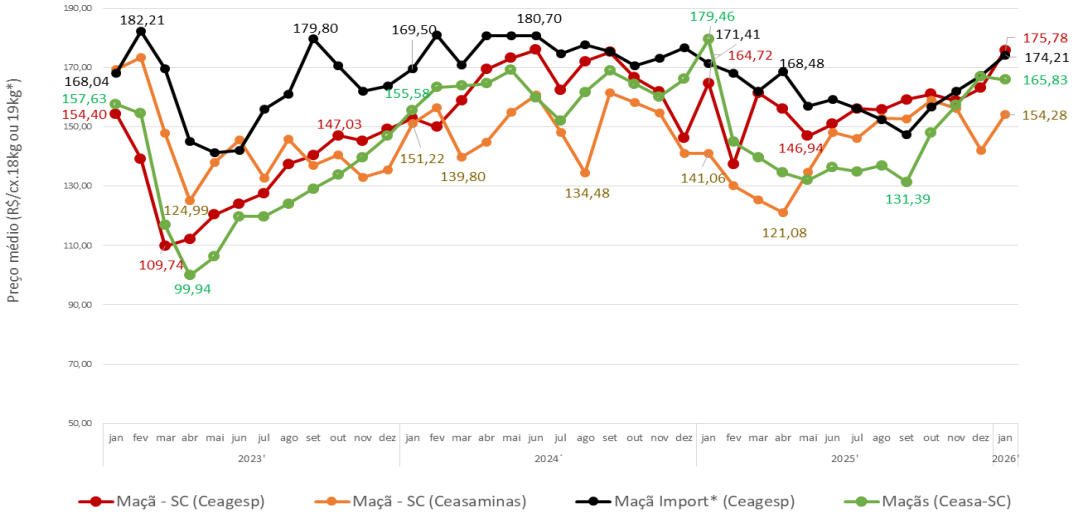


Figura 2. Maçã catarinense e importada – Evolução do preço médio mensal no atacado nacional
Nota: Preço corrigido pelo IGP-DI (jan/26=100).
Fonte: Epagri/Cepa e Prohort/Conab

Na **Ceagesp,** o preço da **maçã de origem catarinense** apresentou valorização de 7,8%, entre dezembro de 2025 e janeiro deste ano, com maior demanda pela fruta nas centrais de abastecimento. As cotações da maçã catarinense estão valorizadas 6,7% em relação a janeiro do ano anterior, e 14,9% acima dos preços de 2024. A procura pelas variedades nacionais frescas aumentou a demanda na central paulistana e manteve as cotações valorizadas mesmo com aumento na oferta da fruta no mercado.

Os preços das **maçãs importadas**, entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, estão valorizados 4,1%, e 0,9% abaixo dos valores da cotação da fruta catarinense na Ceagesp, mantendo a concorrência com a fruta nacional no período, mesmo com valorização nas cotações. A maçã importada se mantém competitiva no mercado brasileiro devido a manutenção dos preços valorizados da fruta nacional no comparativo os anos anteriores. Em janeiro de 2026, os preços médio das maçãs importadas estão 1,6% acima dos de janeiro do ano anterior e 2,8% dos de 2024.

Na **Ceasaminas**, houve valorização de 9,4% nas cotações da **fruta catarinense** em relação a janeiro do ano anterior, e aumento de 8,6% no comparativo entre dezembro de 2025 e janeiro desse ano, devido ao aumento na demanda pela fruta com o início da colheita nas regiões produtoras.

Preço ao produtor nas principais regiões de produção nacional

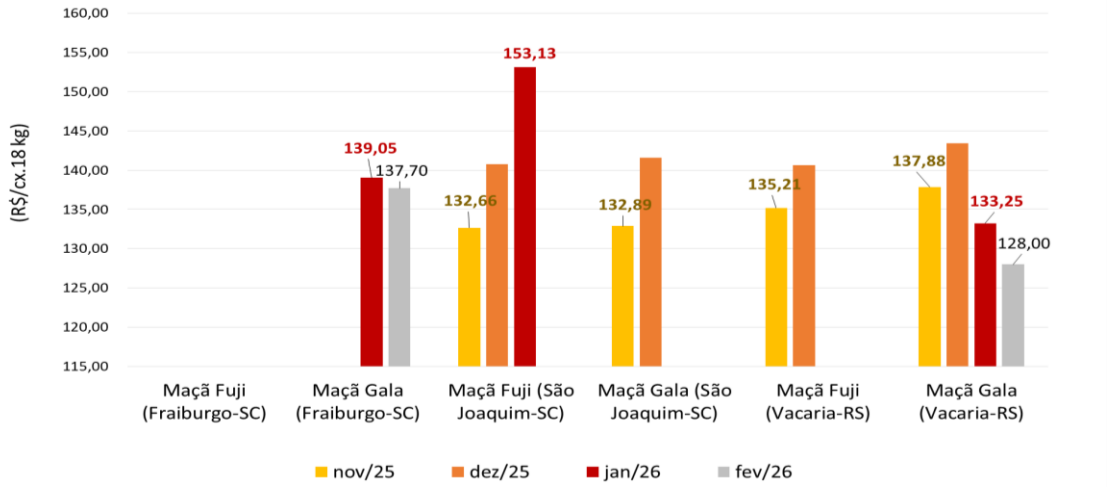


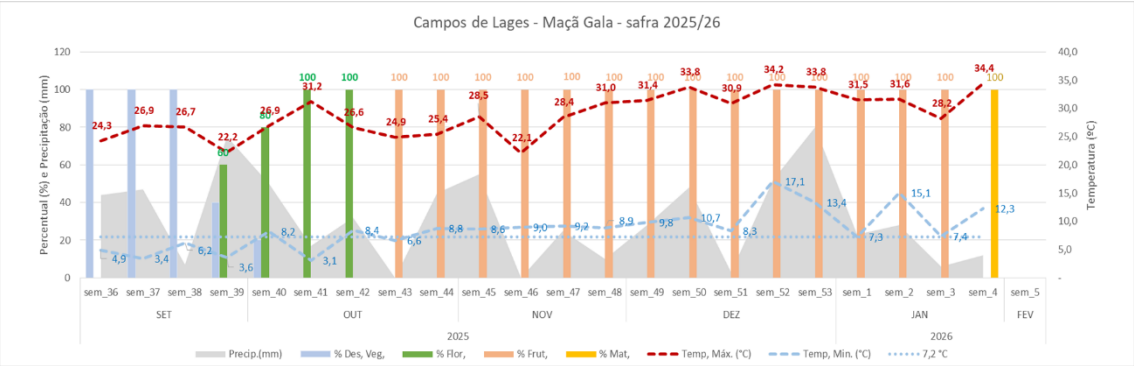
Figura 3. Maçã – SC e RS: preço médio ao produtor nas principais praças do País
(*) Maçã (cat.1) embalada; até 6 de fev./2026.
Fonte: Epagri/Cepa, Cepea/Esalq/USP e Agrolink.

Na região de Fraiburgo/SC, entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, as cotações da maçã Gala desvalorizaram 1,0%. Em janeiro houve o início da colheita das maçãs precoces na região com cotações mais valorizada pela baixa oferta regional (Figura 3). A expectativa é de aumento da oferta da variedade com o aumento na colheita da fruta.

Na região de São Joaquim/SC, entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, as cotações da maçã Fuji valorizaram 8,8% com a finalização dos estoques da safra anterior. Entre janeiro e início de fevereiro as variedades Gala e Fuji da safra 2025/26 entram na etapa de maturação. A expectativa é de melhor qualidade nas frutas em relação a safra anterior, o que representa maior margem ao produtor e classificadores.

Na região de Vacaria/RS, entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, as cotações da maçã Gala desvalorizaram 7,1% com a oferta de frutas precoces e expectativa para o início da colheita da maçã Gala. Entre janeiro e início de fevereiro a tendência é de redução nas cotações das maçãs Gala (Figura 3) com aumento da colheita regional e oferta da fruta no mercado.

Evolução do calendário agrícola



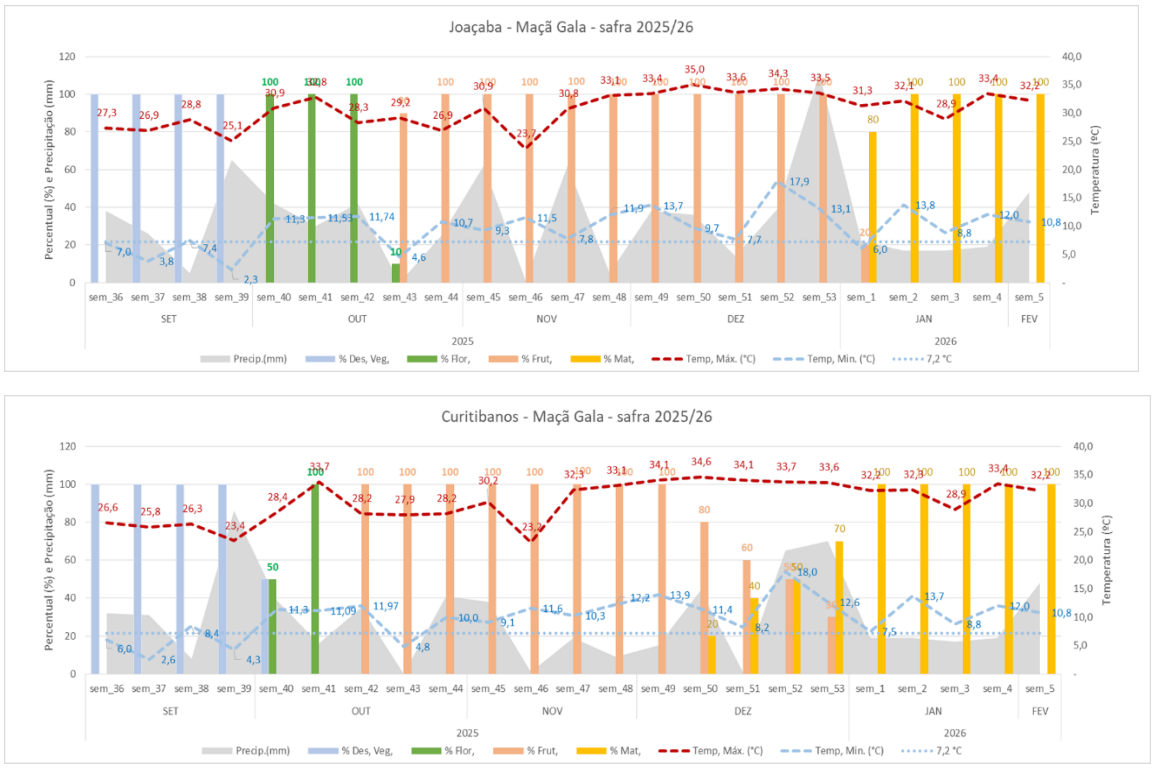


Figura 4. Maçã Gala – Evolução da safra 2025/26 por região produtora de SC
Nota: Estimativa até 7 de fev/26
Legenda: Precip. (mm) - precipitação; Des.Veg. (%) - percentual de desenvolvimento vegetativo; Flor.(%) - percentual de floração; Frut.(%) - percentual de frutificação; Mat.(%) - percentual de maturação; Temp. Máx. (°C) - temperatura máxima; Temp. Min.(°C) - temperatura mínima.
Fonte: Epagri/Cepa e Epagri/Ciram

Conforme dados e informações do Projeto Safras e do Estudo das Cadeias Produtivas da Fruticultura (ambos do Epagri/Cepa), as regiões de Campos de Lages, Joaçaba e Curitibanos são as principais produtoras de maçã Gala no estado catarinense.

Na **microrregião dos Campos de Lages**, o período analisado apresentou condições climáticas predominantemente favoráveis ao desenvolvimento da cultura da maçã em Campos de Lages. A evolução fenológica ocorreu de forma regular, com boa qualidade dos frutos e manutenção das expectativas produtivas, mesmo diante de intercorrências pontuais como falhas de polinização na variedade Gala e eventos isolados de granizo. A safra 2025/2026 consolida-se com perspectiva de incremento na produção regional em comparação ao ciclo anterior.

Na **microrregião de Joaçaba**, os pomares regionais na safra 2025/2026 apresentam evolução regular e condições climáticas, em geral, favoráveis ao desenvolvimento da cultura. O florescimento e a frutificação ocorreram sob boas condições, garantindo adequado pegamento e desenvolvimento dos frutos. Embora tenham ocorrido episódios localizados de granizo com perdas pontuais, o impacto regional foi limitado. Assim, a safra inicia a colheita com perspectivas positivas de produtividade e bom potencial produtivo.

Nos pomares da **microrregião de Curitibanos**, o período entre setembro de 2025 e início de fevereiro de 2026, foi marcado por um inverno considerado excelente para a cultura da macieira, favorecendo a quebra de dormência e o potencial produtivo inicial. No entanto, as

condições climáticas durante a floração e frutificação, especialmente excesso de chuvas, baixa luminosidade e episódios de granizo, influenciaram o pegamento e a permanência dos frutos, alterando as expectativas de safra ao longo do ciclo.

No próximo boletim da maçã, será analisada a evolução do calendário de safra de maçã Fuji com informações disponíveis no Infoagro (Epagri/Cepa).

Comparativo de Safras

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2024/25 e a estimativa atual de 2025/26

Principais MRG com cultivo de maçã	2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha^{-1})	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha^{-1})	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtiv. média (%)
Joaçaba	2.596	69.388	26.729	2.563	68.998	26.921	-1,3%	-0,6%	0,7%
Curitibanos	915	24.414	26.682	915	34.776	38.007	0,0%	42,4%	42,4%
Campos de Lages	13.772	387.467	28.134	13.749	512.142	37.249	-0,2%	32,2%	32,4%
Subtotal	**17.283**	**481.269**	**27.846**	**17.227**	**615.916**	**35.753**	**-0,3%**	**28,0%**	**28,4%**
Outras	67	1.650	24.627	67	1.850	27.612	0,0%	12,1%	12,1%
Total	**17.350**	**482.919**	**27.834**	**17.294**	**617.766**	**35.721**	**-0,3%**	**27,9%**	**28,3%**

Fonte: Epagri/Cepa, jan/2026

No comparativo de safras a estimativa é de recuperação de 27,9% na produção de maçã nas principais regiões produtoras na safra 2025/26 em relação à da safra anterior. A microrregião dos Campos de Lages está representando 83,2% da produção esperada, a de Joaçaba 11,2% e a de Curitibanos 5,6%. Os principais municípios produtores representam 95,33% da área em produção, sendo São Joaquim responsável por 58,58% da área a ser colhida na safra 2025/26, seguido de Fraiburgo com 10,87%, Bom Jardim da Serra 10,07%, Urubici 4,83%, Uruema 4,30%, Monte Carlo 3,78% e Painel 2,90%. No total esperado de produção, a maçã Fuji representa 51,2% do volume com aumento esperado na produção de 14,4%, a maçã Gala representa 47,2% com aumento de 48,3% e as precoces com participação de 1,6% e aumento de 2,2% na produção estimada.

Hortaliças

Alho.....30

Cebola.....34

Hortaliças

Alho

Lillian Bastian
Desenvolvimento Rural, Dra. – Epagri/Cepa
lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado – Preço ao produtor e no mercado atacadista

O alho catarinense permanece em cura, mas no mês de janeiro começou a ser comercializado, porém ainda em pequenas quantidades, pois as oportunidades de escoamento não são consideradas vantajosas. O preço está abaixo do esperado pelos produtores. Além disso, as oportunidades de comercialização estão sendo disputadas, porque além do alho catarinense há competição com alho argentino, principalmente. As informações indicam que já foram comercializados, aproximadamente, 7% da produção catarinense. Na figura que vem na sequência consta o primeiro registro de preço médio para a safra 2025/2026 do alho nobre tipos 4 e 5. Afere-se que o preço é de R$8,87 o quilo, que corresponde a uma redução de 46% na comparação com o preço do alho de janeiro de 2025, quando estava cotado a R$16,31.

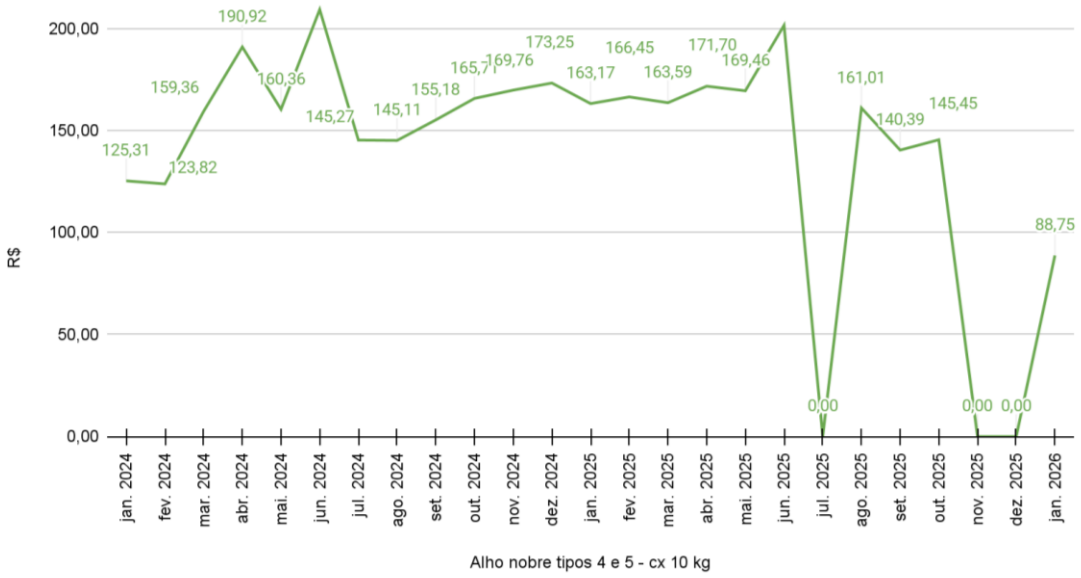


Figura 1. Alho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor (jan./2024 a jan./2026)
Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.
Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2026.

Esse preço tem, por um lado, desanimado os produtores, pois está abaixo do necessário para cobrir os custos produtivos que estão em mais do que R$100 mil por hectare. Por outro lado, os agricultores se sentem pressionados a vender ao menos parte da produção já que, em muitos casos, se deparam com prazos para quitar empréstimos e necessitam de recursos para cobrir eventuais despesas adicionais.

No mercado atacadista, conforme a figura que vem logo a seguir, os preços estão, igualmente, em rebaixamento. O gráfico traz os preços entre cerealistas da caixa de 10 quilos de alho nobre,

tipos 4 e 5. Conforme essa figura, o alho foi comercializado a um preço de R$14,25 o quilo, que é 6% inferior ao preço de dezembro e 32% abaixo do preço registrado há um ano atrás.

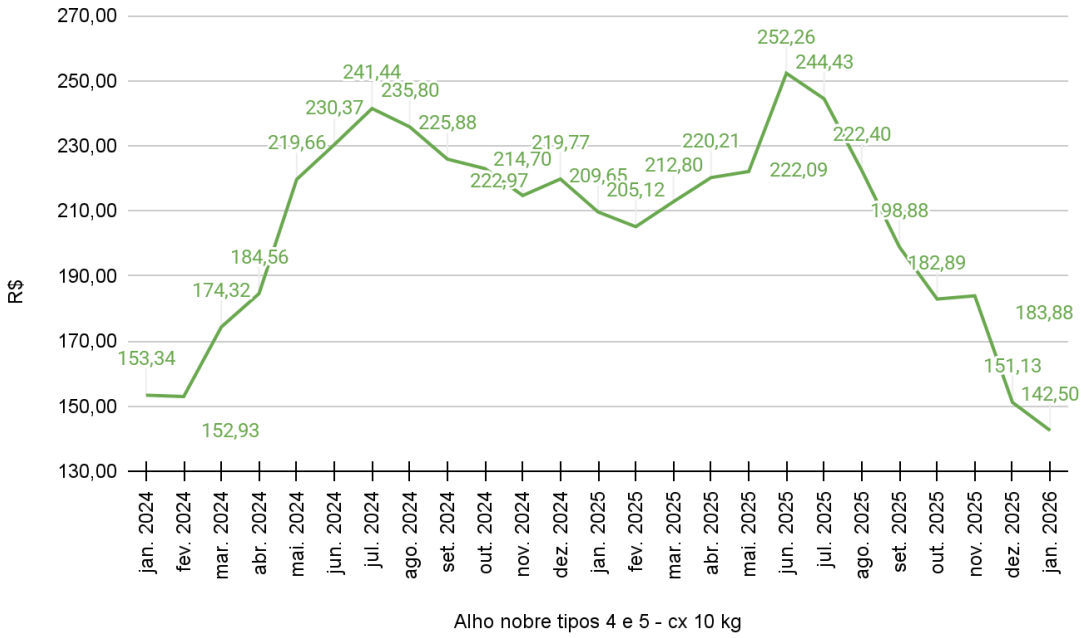


Figura 2. Alho – SC: evolução do preço médio mensal ao atacado – (jan. 2024 a jan./2026)
Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.
Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro de 2026.

Esse gráfico sinaliza que o preço do alho no atacado seguiu sua trajetória de queda registrada em dezembro, sendo o preço de janeiro de 2026 o mais baixo da série histórica, que nunca esteve abaixo de R$150,00. É importante destacar que cada safra é distinta das que lhe antecederam. No caso específico desta, tem se observado uma competição com alho vindo do exterior que tem adentrado no mercado brasileiro a um custo que é inferior ao custo de produção do alho brasileiro. Assim como, observa-se que há dificuldades de escoamento da safra do alho originário de regiões produtoras do Cerrado, cuja safra teve a colheita finalizada em setembro e apresenta perda de qualidade. Todas essas situações restringem as possibilidades de aumento no preço do alho.

Safra Catarinense

A safra do alho catarinense foi classificada como muito boa em termos de qualidade, padrão e sanidade. Assim como registrado para o boletim passado, neste mês houve algumas atualizações na produtividade e produção. O incremento na produtividade é de 592 quilos por hectare e na produção é de 1,4 mil toneladas. Esse incremento é um resultado positivo do bom manejo dos canteiros e das condições climáticas registradas durante o ciclo produtivo. Enquanto o aumento na produtividade é de 5%, a expansão das áreas foi de 13% e o incremento na produção está estimado em 19%, de acordo com as últimas atualizações cujos dados estão disponíveis na tabela abaixo.

Tabela 1. Alho – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2024/25 e 2025/26.

Microrregião	Safra 2024/2025			Estimativa Safra 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtividade	Produção
Campos de Lages	29	9.528	276	16	9.563	153	1,77%	-44,83	0,36	-44,57
Curitibanos	321	10.942	3.512	405	11.439	4.633	53,65%	26,17	4,54	31,92
Joaçaba	309	11.133	3.440	326	11.810	3.850	44,58%	5,50	6,08	11,92
Total Geral	**659**	10.969	**7.229**	**747**	11.561	**8.636**	100,00%	**13,35**	**5,40**	**19,46**

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2026.

A produção está concentrada na microrregião de Curitibanos (54%), seguida por Joaçaba (45%) e uma pequena parte está em Campos de Lages (1%). É oportuno destacar que após a cura o alho passa por etapas de beneficiamento, que incluem corte, classificação, escovação e toalete, sendo recomendável que pelo menos as três primeiras etapas desse beneficiamento sejam realizadas. A safra atual, por ser de muito boa qualidade, tem dispensado, em certa medida, a realização da última etapa que exige maior investimento em mão-de-obra, porém esse processo confere melhor aspecto visual, maior padronização e qualidade estética ao alho, agregando valor ao produto e atendendo às exigências de compradores mais criteriosos.

Importações

Acerca das importações de alho, no primeiro mês de 2026, o país importou 13,7 mil toneladas. Com relação ao mês anterior houve uma diminuição de 35% e com relação ao primeiro mês de janeiro de 2024 a diminuição foi de 10%. Se no mês de dezembro de 2025 foi importada a maior quantia mensal dos últimos três anos, janeiro de 2026 registrou um volume importado um pouco abaixo do que já foi registrado para o mesmo mês em 2024 e 2025, conforme a tabela a seguir.

Tabela 2. Alho – Brasil: evolução do volume das importações mensais – (jan./2024 a jan./2026)

Ano	Jan.	Fev.,	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	14,89	15,77	15,87	16,36	16,67	13,27	12,94	7,96	1,98	4,62	6,39	18,87	**145,57**
2025	15,32	14,62	15,97	20,11	17,74	15,25	10,48	8,30	10,73	4,43	4,69	21,14	**158,78**
2026	13,76												**13,76**

Fonte: Comex Stat/MDIC, fevereiro/2026. Em mil toneladas.

É oportuno mencionar que o Brasil produz mais do que a metade do volume consumido. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2025) da Pesquisa

Agrícola Municipal (PAM)[6], em 2024, foram produzidas 172,8 mil toneladas de alho, ao passo que a balança comercial do setor de alho teve um saldo negativo de 145,36 mil toneladas. Foram importadas 145,57 mil toneladas e exportadas 206 toneladas, aproximadamente. É importante ter em mente que o país possui potencial de elevar a sua produção. Políticas protecionistas, com taxas mais incisivas sobre o produto importado favoreceriam os agricultores e demais atores da cadeia.

Em termos de custo da importação, que é mensurado em dólares americanos (*Free on Board* - FOB), têm-se o despendido de US$17,64 milhões para importar alho em janeiro, conforme tabela logo a seguir. Esse montante financeiro é 37% inferior ao de dezembro e 18% menor do despendido em janeiro de 2024.

Tabela 3. Alho – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a jan./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	16,34	17,83	20,48	24,1	24,33	18,14	16,1	8,94	2,51	5,62	7,48	25,65	**187,5**
2025	21,41	21,04	22,45	26,73	25,05	24,13	12,35	8,66	11,24	4,58	5,68	28,1	**211,42**
2026	17,64												**17,64**

Fonte: Comex Stat/MDIC, fevereiro/2026. Valores nominais em milhões de dólares americanos.

Assim, constata-se que o preço pelo qual o alho foi adquirido em janeiro foi de US$1,28, sendo inferior ao praticado em dezembro passado. Em dezembro, pagou-se, em média, US$1,32 pelo quilo de alho importado, já em janeiro de 2025 foram gastos US$1,39 com cada quilo importado do produto. O principal país exportador de alho para o Brasil foi a Argentina. Desse país advieram aproximadamente 94,5% desses bulbos importados. Além da Argentina, também exportaram para o Brasil, a China (3,9%) que é o principal produtor mundial, o Egito (0,9%), o Chile (0,5%) e foi reincorporado alho brasileiro (0,2%).

Houve o registro de re-importação de alho brasileiro. Esse alho pode ter sido exportado temporariamente ou reincorporado ao mercado interno por diversas razões: recusa do importador estrangeiro, problemas fitossanitários detectados no destino ou cancelamento de operações comerciais[7]. Segundo o Manual de Regras de Origem[8], no comércio internacional é obrigatório indicar o país de origem dos produtos comercializados.

[6] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção Agrícola Municipal**. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html. Acesso em: 10 nov. 2025.

[7] Manual de regras de origem. Disponível em: https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/comercio-exterior/regimes-de-origem/certificado-de-origem/copy2_of_MANUALDASREGRASDEORIGEM_VersoFinal.pdf. Acesso em: 29 jan. 2026.

[8] Perguntas frequentes: FAQ. Disponível em: https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas/perguntas-frequentes-faq. Acesso em: 29 jan. 2026.

Hortaliças

Cebola

Lillian Bastian
Desenvolvimento Rural, Dra. – Epagri/Cepa
lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado - preço ao produtor e no mercado atacadista

Excepcionalmente na safra 2025/2026 o período da colheita da cebola se estendeu até o final de janeiro. Os dias ensolarados com temperaturas mais amenas e noites com temperaturas abaixo da média atrasaram o ciclo produtivo da cebola. Consequentemente, tardou o período de maturação e a colheita. Ao final de janeiro foram colhidas as cebolas das regiões mais altas. No momento atual, grande porção das cebolas se encontram armazenadas nos galpões dos agricultores, indicativo do volume produzido e das condições do mercado para a comercialização. Na região do Alto Vale do Itajaí, aproximadamente, 30% das cebolas foram comercializadas, especialmente as cebolas classes 2 a 4, cujo preço está melhor. No gráfico 1 constam os preços da caixa da cebola de 20 quilos, classes 3 a 5, em valores deflacionados.

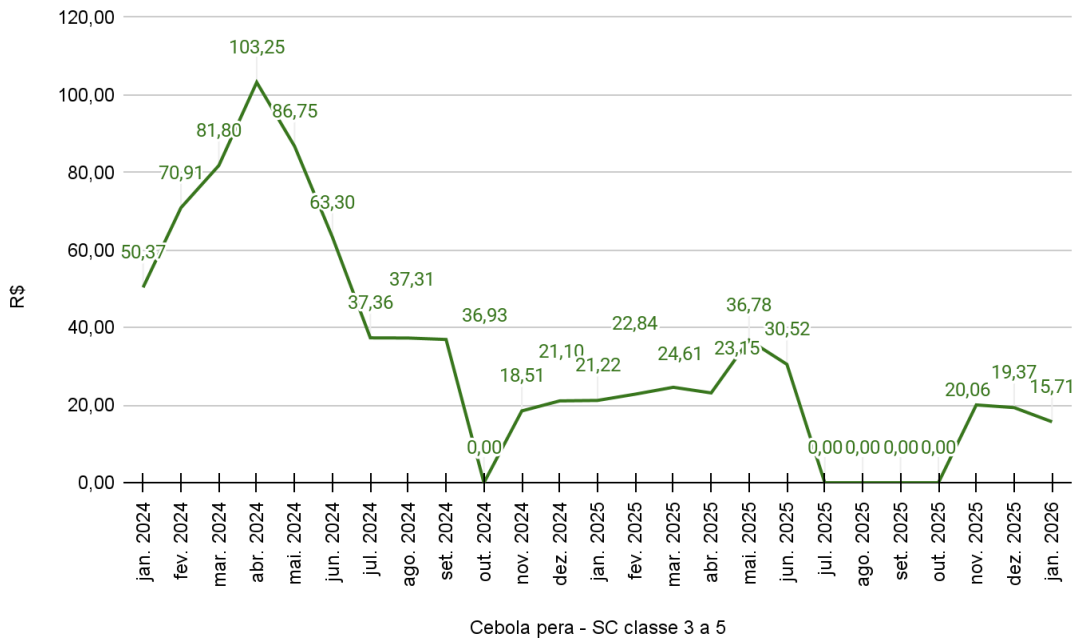


Figura 1. Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2024 a jan./2026)
Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.
Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2026.

Conforme este gráfico, o preço de um quilo de cebola em janeiro foi registrado em R$0,78. Esse valor é 19% inferior ao registrado em dezembro e 26% menor do que o de janeiro de 2025, cujos preços eram de R$0,96 e R$1,06. Diante destes preços que estão aquém dos custos produtivos, os agricultores estão aguardando preços melhores, adotando a seguinte raciocínio, se as cebolas estão mantendo a qualidade, sustenta-se o produto nos depósitos. No entanto, há relatos do aparecimento de carvão provocado pelo fungo fitopatógeno *urocystis cepulae* que é uma espécie de mofo que ocorre nas plantas durante o armazenamento.

Além disso, outro fator que deixou as cebolas mais suscetíveis à doenças é o seu florescimento. Dias com temperaturas mais frias provocaram o aparecimento da haste floral das cebolas. De acordo com dados da rede de monitoramento Epagri/Ciram (Epagri, 2020), as temperaturas médias de outubro e novembro de 2025, nos dois principais municípios produtores, estiveram abaixo da média climatológica, como aponta-se no quadro que segue.

Quadro 1. Cebola – SC: média mensal outubro e novembro (2025) e médias climatológicas (2015 a 2025)

Município	Média climatológica - **Out.** 2017 a 2025	Média mensal - **Out.** 25	Média climatológica - **Nov.** 2015 a 2025	Média mensal - **Nov.** 25
Ituporanga	18,7	17,6	19,9	19,5
Alfredo Wagner	17,6	17,0	19,1	18,6

Fonte: Epagri/Ciram, fevereiro/2026.

Essas temperaturas médias mensais abaixo das médias climatológicas fizeram com que algumas cebolas florescessem. As cebolas que florescem não são, teoricamente, comercializadas porque o pendão floral faz com que a cebola fique, em parte, oca e são mais suscetíveis à ataques de patógenos, já que possuem uma abertura na parte na qual cresceu a haste floral. Na figura que vem na sequência, consta o preço da cebola no atacado. Como foi registrado para o produtor, o preço no mercado atacadista apresentou o comportamento de decrescimento.

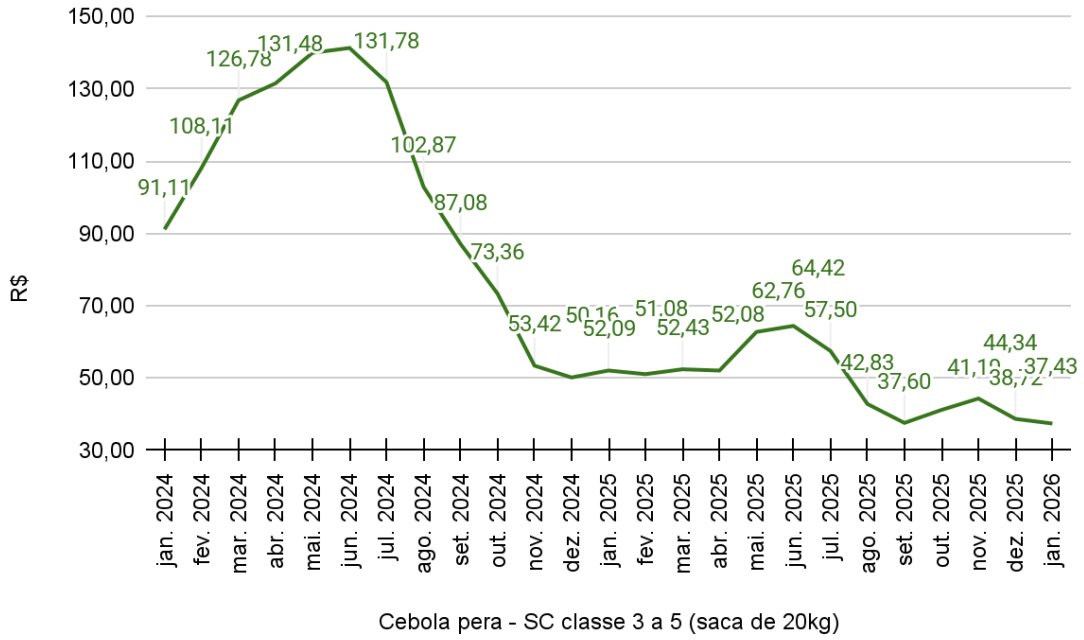


Figura 2. Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (jan./2024 a jan./2026).
Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV.
Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2026.

Em janeiro, dentre os atores da cadeia produtiva seguintes aos produtores foram registrados preços de R$1,87 o quilo. Esse preço da cebola pera, classe 3 a 5, é 3% inferior ao do mês passado e 28% inferior ao mês de janeiro de 2025. No mês de dezembro de 2025 o preço da cebola no atacado estava R$1,93 o quilo e no mês de janeiro de 2025 estava em R$2,60.

Diante dos preços registrados, especialmente, entre os produtores, no dia 05 de fevereiro, a Prefeitura Municipal de Ituporanga, por meio do Decreto n° 17[9], instaurou estado de calamidade pública, declarando situação de emergência econômica no setor agrícola, já que o preço da cebola cobre apenas parte dos custos produtivos. Neste município, a cebola é o principal produto agrícola. A medida visa proteger o produtor rural e reduzir impactos econômicos sobre o município, além de viabilizar a adoção de medidas administrativas como políticas públicas, renegociação de dívidas, prorrogação do prazo do pagamento do crédito rural e acesso ao Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) e ao Programa de Garantia de Atividade Agropecuária (Proagro).

Safra catarinense

Com as cebolas totalmente colhidas, tem-se uma dimensão mais clara dos volumes produzidos. Os números indicam, como já havia sido destacado, que esta safra será recorde. Fato que será confirmado no próximo mês, com a atualização das produtividades entre os municípios produtores. A safra é de muito boa qualidade. Conforme a tabela que vem na sequência, a safra atual é 8% superior à passada em termos de quantidade produzida, mesmo com quase 1% a menos na área cultivada. A produtividade é ainda superior ao ganho na produção, com incremento de 9%.

Tabela 1. Cebola – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2024/25 e 2025/26.

Microrregião	Safra 2024/2025			Estimativa Safra 2025/2026				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtividade	Produção
Blumenau	3	20.000	60	3	20.000	60	0,01%	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	1.178	25.907	30.519	1.215	26.016	31.609	5,25%	3,14	0,42	3,57
Canoinhas	160	40.000	6.400	170	43.235	7.350	1,22%	6,25	8,09	14,84
Curitibanos	230	41.130	9.460	312	42.035	13.115	2,18%	35,65	2,20	38,64
Ituporanga	9.123	27.622	252.000	8.723	32.570	284.112	47,21%	-4,38	17,91	12,74
Joaçaba	1.787	39.456	70.508	1.797	40.857	73.420	12,20%	0,56	3,55	4,13
Rio do Sul	1.757	25.135	44.163	1.757	27.908	49.034	8,15%	0,00	11,03	11,03
Tabuleiro	3.805	29.841	113.545	3.861	29.970	115.713	19,23%	1,47	0,43	1,91
Tijucas	1.252	23.825	29.829	1.282	21.329	27.344	4,54%	2,40	-10,48	-8,33
Santa Catarina	**19.295**	**28.841**	**556.484**	**19.120**	**31.473**	**601.757**	**100,00%**	-0,91	**9,13**	**8,14**

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2026.

[9]Disponível em: https://www.ituporanga.sc.gov.br/noticias/ituporanga-decreta-emergencia-economica-na-cadeia-produtiva-da-cebola-5061.html#:~:text=Ituporanga%20decreta%20emerg%C3%AAncia%20econ%C3%B4mica%20na%20cadeia%20produtiva%20da%20cebola,-Assessoria%20de%20Comunica%C3%A7%C3%A3o&text=A%20Prefeitura%20de%20Ituporanga%20publicou,principal%20atividade%20econ%C3%B4mica%20do%20munic%C3%ADpio. Acesso em: 10 fev. 2026.

Isso indica uma ampliação de mais de 45,2 mil toneladas na produção e de 2,6 mil toneladas na produtividade, sob uma redução de área de 175 hectares. O ganho em produtividade foi registrado para todas as microrregiões, com exceção da micro de Tijucas, especificamente para o município de Leoberto Leal, para o qual a produtividade reduziu-se em 20% em razão do florescimento que, em algumas áreas, teve incidência generalizada e da chuva de granizo.

A safra com bons resultados em termos de produção e produtividade também foi registrada nos estados do Paraná e Santa Catarina. Essa é a razão pela qual o preço está nos atuais patamares. Se destaca que as unidades da federação da região Sul do Brasil estão com uma porcentagem comercializada superior à registrada em Santa Catarina. Para os estados vizinhos, aproximadamente, 70% da produção já foi comercializada. Possivelmente, a partir de abril a comercialização da produção vizinha se encerrará.

Importações

No primeiro mês de 2026 houve a importação de, aproximadamente, 186 toneladas de cebola pelo Brasil, conforme tabela 1. Esse volume importado indica diminuição de 79% em relação ao último mês de 2025 e 39% em relação a janeiro de 2025. O volume importado em janeiro é o menor registrado para esse mês desde 2020, quando foram importados o equivalente a 59 toneladas.

Tabela 1. Cebola – Brasil: evolução do volume das importações mensais (jan. de 2024 a jan. de 2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	5.018	22.930	48.987	83.672	65.851	23.255	2.310	3.040	329	1.295	475	268	**257.430**
2025	308	2.584	19.075	29.422	60.207	22.391	2.477	137	26	0	327	882	**137.835**
2026	186												**186**

Fonte: Comex Stat/MDCS, fevereiro/2026. Em toneladas.

Se o Brasil consome em média 120 mil toneladas por mês do produto cebola, pode-se destacar que o montante importado é inferior à 1% da demanda interna pelo produto. O custo desta importação foi de US$139,3 mil, conforme tabela 2. Esse valor despendido é 73% inferior ao praticado em dezembro de 2025 e 30% menor do que o de janeiro de 2025.

Tabela 2. Cebola – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a jan./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	1.665,12	5.150,27	15.351,32	28.548,53	23.019,29	6.954,11	1.154,96	1.442,15	148,48	520,69	280,37	171,87	**84.407,17**
2025	199,37	572,59	4.057,08	5.106,08	9.748,81	3.912,51	450,71	29,48	18,48	-	224,85	522,85	**24.842,81**
2026	139,30												**139,30**

Fonte: Comex Stat/MDIC, fevereiro/2026. Valores nominais em mil dólares americanos.

Em janeiro o preço médio praticado com a aquisição de cebolas foi de US$0,75 o quilo. Já os preços de dezembro de 2026 foram de US$0,59 e em janeiro de 2025 foram de US$0,65. Os principais países exportadores foram Argentina, Chile, Espanha e Países Baixos, conforme o gráfico a seguir. Em volume, o país que mais exportou para o Brasil foi a Espanha (42%), seguida pelos Países Baixos (31%).

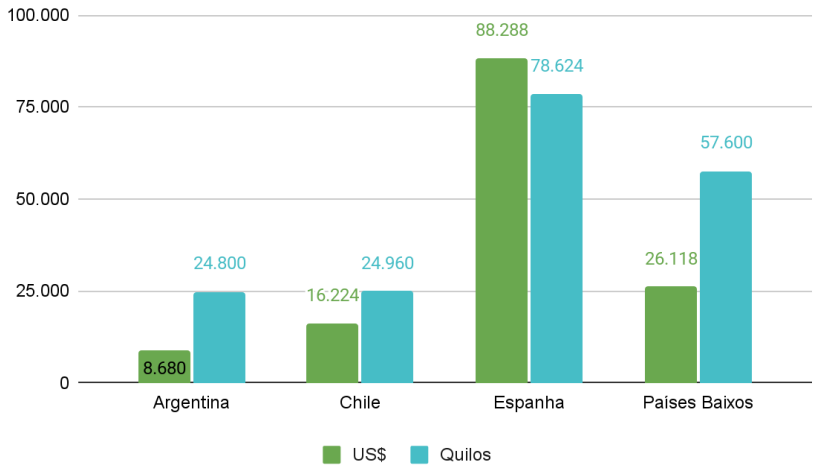


Figura 3. Importação de cebola – SC: países de origem – (fev. 2026).
Fonte: Comex Stat/MDIC, fevereiro/2026. Valores nominais.

Em termos de valor despendido, as colocações entre os países se mantêm, no entanto as proporções variam bastante, com aumento expressivo para a Espanha (63%) seguida por Países Baixos (19%). O Chile foi o terceiro maior exportador com volume de 13% e dispêndios de 12%. A Argentina exportou o equivalente a 13% do volume importado e 6% dos recursos despendidos com a importação foram para esse país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EPAGRI. Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. **Banco de dados de variáveis ambientais de Santa Catarina**. Florianópolis: Epagri, 2020. 20p. (Epagri, Documentos, 310).

Pecuária

Avicultura 40

Bovinocultura 46

Suinocultura 50

Leite 57

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de fevereiro, os preços do frango vivo apresentaram variação positiva nos dois principais estados produtores. No Paraná, registrou-se aumento de 2,4% na comparação entre o preço médio preliminar de fevereiro e o valor registrado no mês anterior, enquanto em Santa Catarina, a variação foi de 0,3% no mesmo período. Quando comparados os preços de fevereiro com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI – também se verificam altas nos dois estados: 2,2% no Paraná e 1,7% em Santa Catarina.

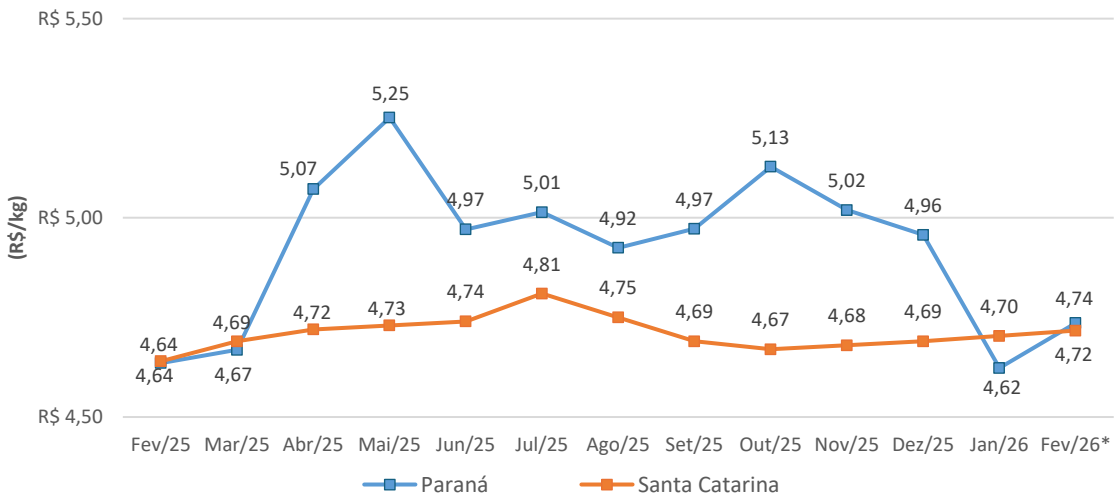


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R$/kg)**

* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
** Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR)

Os preços pagos aos avicultores catarinenses nas duas primeiras semanas de fevereiro apresentaram comportamento distinto entre as principais regiões produtoras do estado: no Litoral Sul, registrou-se alta de 1,1%; no Oeste, queda de 0,2%; e, no Meio Oeste, o preço manteve-se inalterado. Quando comparados os preços atuais com os de fevereiro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, as diferenças são ainda mais expressivas: alta de 9,3% no Meio Oeste e quedas de 3,9% e 0,6%, respectivamente, no Litoral Sul e no Oeste.

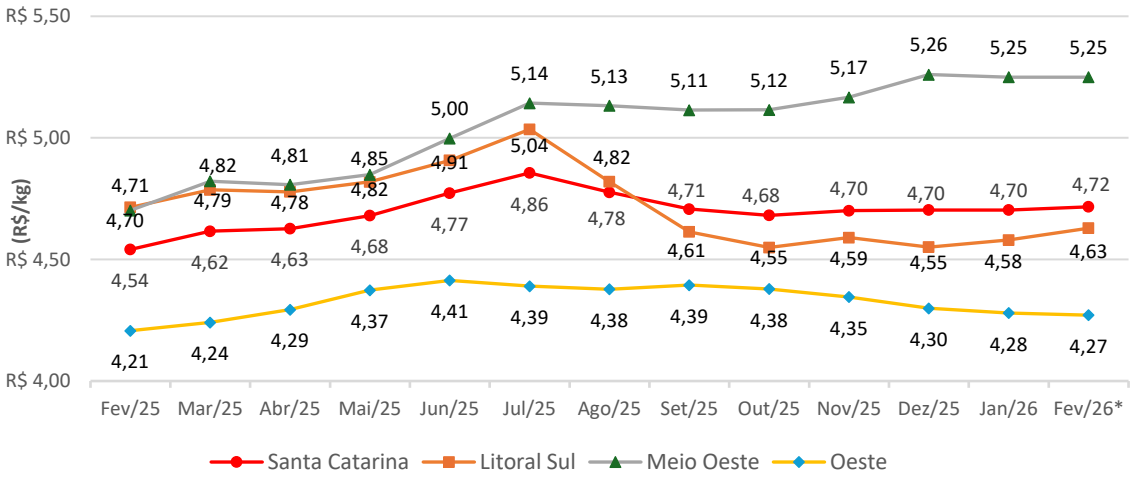


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais regiões do estado (R$/kg)
(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fonte: Epagri/Cepa

No mercado atacadista, por sua vez, novamente predominou o movimento de baixa. Dos quatro tipos de cortes cujos preços são levantados pela Epagri/Cepa, três apresentaram variação negativa entre janeiro e fevereiro de 2026: filé de peito (-2,2%); coxa/sobrecoxa (-1,6%) e peito com osso (-0,8%). Apenas o frango inteiro registrou variação positiva no período: 0,4%. A variação média dos quatro cortes foi de -1,1%.

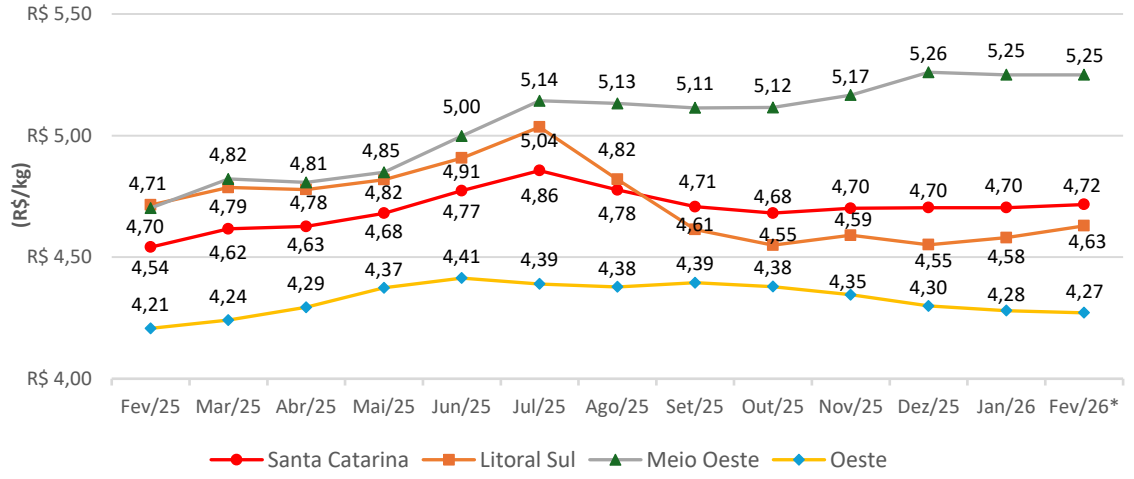


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R$/kg)
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fonte: Epagri/Cepa

Na comparação com fevereiro de 2025 – considerados os valores corrigidos pela inflação do período (IGP-DI) –, todos os cortes apresentaram variações negativas: peito com osso (-10,6%);

coxa/sobrecoxa (-10,2%); filé de peito (-4,3%) e frango inteiro (-3,3%). A variação média dos quatro cortes foi de -7,1%.

Custos

A relação de troca insumo-produto, que se mantinha relativamente estável nos quatro meses anteriores, registrou queda de 4,3% nas primeiras semanas de fevereiro em relação ao mês anterior, conforme evidencia a Figura 4. Esse resultado se deve principalmente à queda de 4,0% no preço médio estadual[10] do milho (atacado), embora a alta de 0,3% no preço do frango vivo também tenha contribuído para esse movimento. Na comparação entre fevereiro de 2026 e o mesmo mês de 2025, a queda é ainda mais expressiva: -13,5%. Isso significa que os produtores precisam de 2,3 kg a menos de frango vivo do que no mesmo período do ano anterior para comprar uma saca de milho.

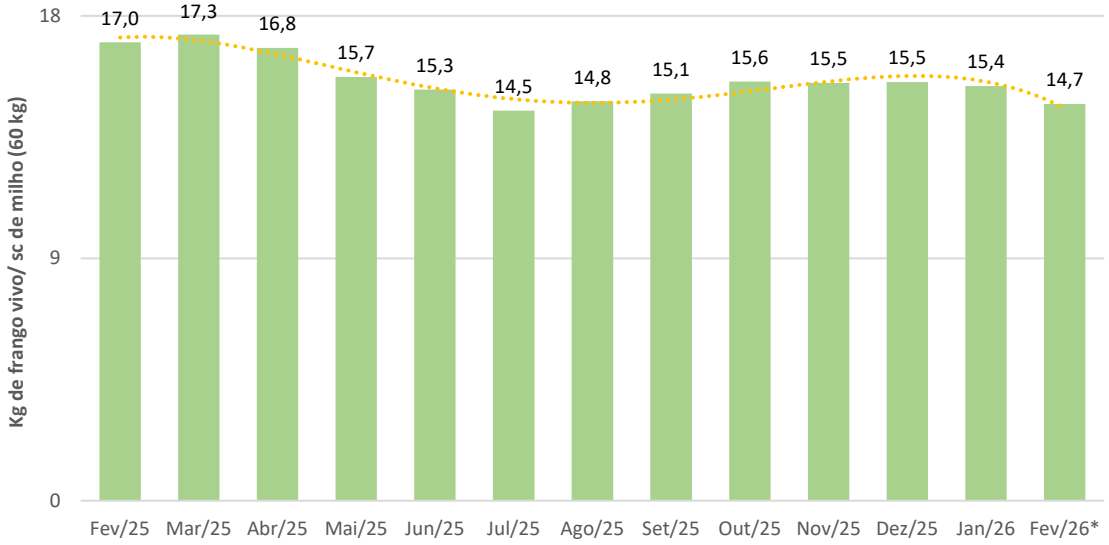


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60 kg) de milho
Para o cálculo da relação de equivalência, utilizam-se os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fonte: Epagri/Cepa

Comércio exterior

O Brasil exportou 447,1 mil toneladas de carne de frango em janeiro de 2026, o que representou uma queda de 9,8% em relação a dezembro de 2025, mas uma alta de 4,0% na comparação com janeiro de 2025. As receitas, por sua vez, totalizaram US$857,8 milhões, com recuo de 7,6% frente ao mês anterior, mas crescimento de 6,1% em relação a janeiro de 2025.

[10] A partir da presente edição do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto será calculada levando em consideração os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

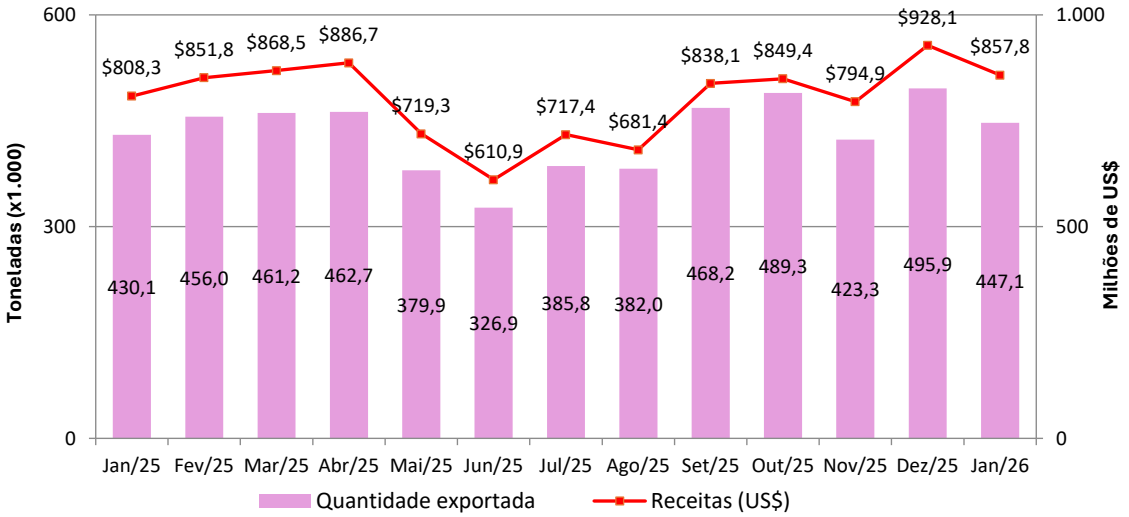


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas
Fonte: MDIC/Comex Stat

No último mês, os principais destinos da carne de frango brasileira foram China, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Japão e Países Baixos, países que concentraram 34,9% da quantidade e 43,8% das receitas totais.

Santa Catarina exportou **103,1 mil toneladas** de carne de frango em janeiro de 2026, registrando queda de 11,9% ante dezembro, mas uma alta de 9,5% em relação a janeiro de 2025. Em termos de receita, os embarques totalizaram **US$226,2 milhões**, com queda de 5,2% ante dezembro, mas crescimento de 23,1% na comparação com janeiro do ano anterior.

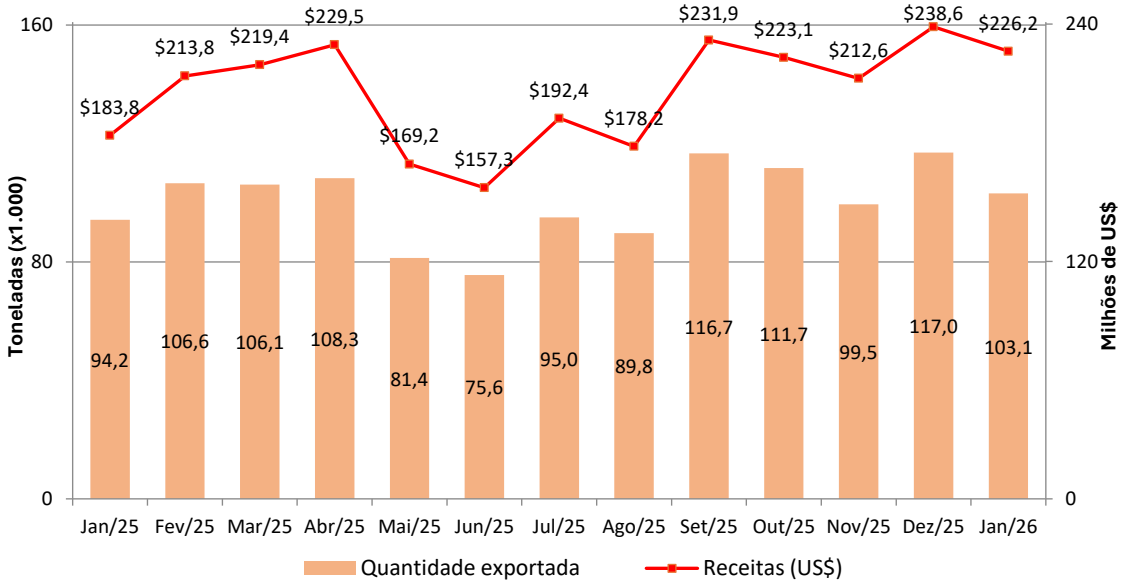


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas
Fonte: MDIC/Comex Stat

Tradicionalmente, janeiro costuma apresentar um cenário menos dinâmico do que o restante do ano em razão de diversos fatores, como as festividades de final de ano e de ano novo, o que

ajuda a explicar a retração observada em relação a dezembro. Contudo, chama atenção o crescimento na comparação com janeiro de 2025, o que reforça as expectativas favoráveis para o setor neste ano. Os resultados de janeiro representam o melhor desempenho de toda a série histórica – iniciada em 1997 – para o referido mês, tanto em quantidade quanto em receitas.

A Arábia Saudita manteve-se como principal destino da carne de frango catarinense no último mês, respondendo por 9,8% das receitas, mas observou-se uma distribuição bastante equilibrada dos embarques, com outros importantes compradores registrando participações semelhantes: Países Baixos (9,6%), China (9,3%) e Japão (9,3%). Essa distribuição mais equilibrada constitui estratégia recomendada para reduzir o impacto de eventuais oscilações no cenário internacional.

O valor médio da carne *in natura* exportada por Santa Catarina em janeiro foi de US$2.061,90 por tonelada – representando alta de 0,5% ante dezembro e de 3,9% na comparação com janeiro de 2025.

A Tabela 1 detalha os principais destinos das exportações catarinenses de carne de frango em janeiro deste ano.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan./2026

País	Valor (US$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Arábia Saudita	22.208.738,00	*9,8%*	10.491	*10,2%*
Países Baixos (Holanda)	21.750.983,00	*9,6%*	5.880	*5,7%*
China	21.112.180,00	*9,3%*	9.058	*8,8%*
Japão	20.976.004,00	*9,3%*	9.083	*8,8%*
Coreia do Sul	16.365.562,00	*7,2%*	6.962	*6,8%*
Demais países	123.821.930,00	*54,7%*	61.638	*59,8%*
TOTAL	**226.235.397,00**	**100%**	**103.112**	**100%**

Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina foi responsável por **26,4% das receitas** e **23,1% do volume** exportado de carne de frango pelo Brasil em janeiro, mantendo-se na segunda posição no ranking nacional.

Produção

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, Santa Catarina produziu **73,5 milhões de frangos**[11] em janeiro[12] – uma **queda de 7,7%** em relação ao mesmo período do ano anterior.

[11] Desse volume total, 97,2% dos frangos foram abatidos em território catarinense, enquanto o restante foi abatido em outros estados.
[12] Os dados referentes a janeiro são preliminares, passíveis de atualização na próxima edição do Boletim Agropecuário.

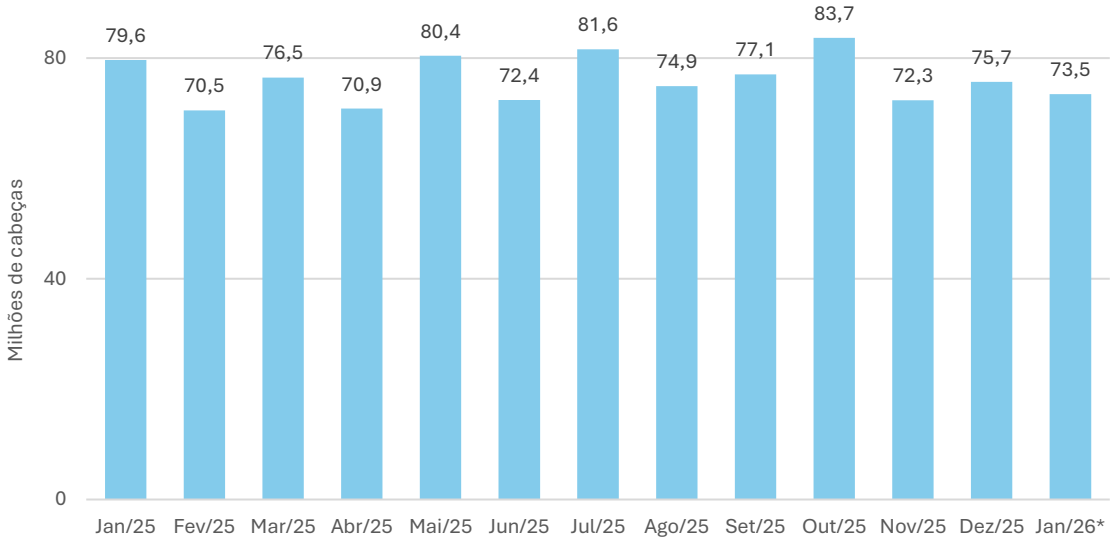


Figura 7. Frangos – Santa Catarina: produção anual
Fonte: Cidasc

Pecuária

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de fevereiro, o mercado do boi gordo apresentou tendência de alta na maioria dos principais estados produtores: 4,1% em São Paulo; 2,6% em Mato Grosso; 2,3% em Mato Grosso do Sul; 1,6% em Minas Gerais; 0,8% em Goiás; e 0,8% no Paraná. No Rio Grande do Sul o preço manteve-se inalterado no período, enquanto em Santa Catarina registrou-se leve queda de 0,04%.

Quando comparados os preços de fevereiro deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verifica-se que todos os estados analisados registraram variações positivas no período: 6,4% no Paraná; 6,3% em Santa Catarina; 6,1% em Goiás; 5,6% em São Paulo; 5,0% em Mato Grosso do Sul; 4,2% em Minas Gerais; 1,0% no Rio Grande do Sul; e 0,1% em Mato Grosso.

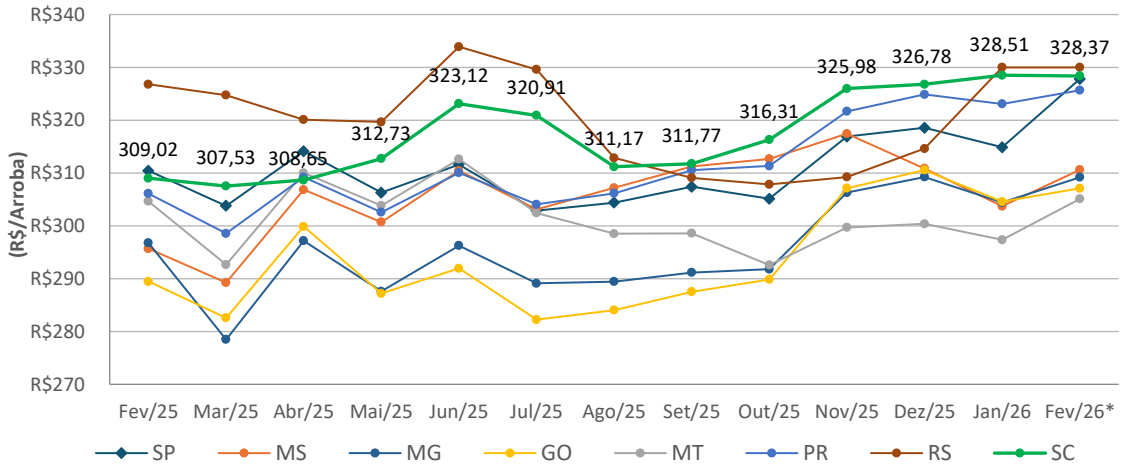


Figura 1. Boi gordo – SC[1], SP[2], MG[2], GO[2], MT[2], MS[2], PR[3] e RS[4]: evolução dos preços da arroba (R$/arroba)
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fontes: [1]Epagri/Cepa; [2]Cepea; [3]Seab; [4]Nespro

Das dez regiões de Santa Catarina monitoradas pela Epagri/Cepa para o preço do boi gordo, seis apresentaram variações positivas na comparação entre os valores recebidos pelos produtores em fevereiro de 2026 e os do mês anterior, com destaque para o Oeste, onde a alta foi de 2,8%. Quando se comparam os valores de fevereiro com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, sete regiões apresentaram variações positivas, com destaque para o Planalto Sul e o Alto Vale do Itajaí, onde as altas foram de 15,0% e 10,8%, respectivamente.

No atacado, todos os cortes apresentaram variações positivas nas primeiras semanas de fevereiro frente ao mês anterior: 1,4% para a carne de dianteiro e 0,1% para a carne de traseiro. A variação média do período foi de 0,7%.

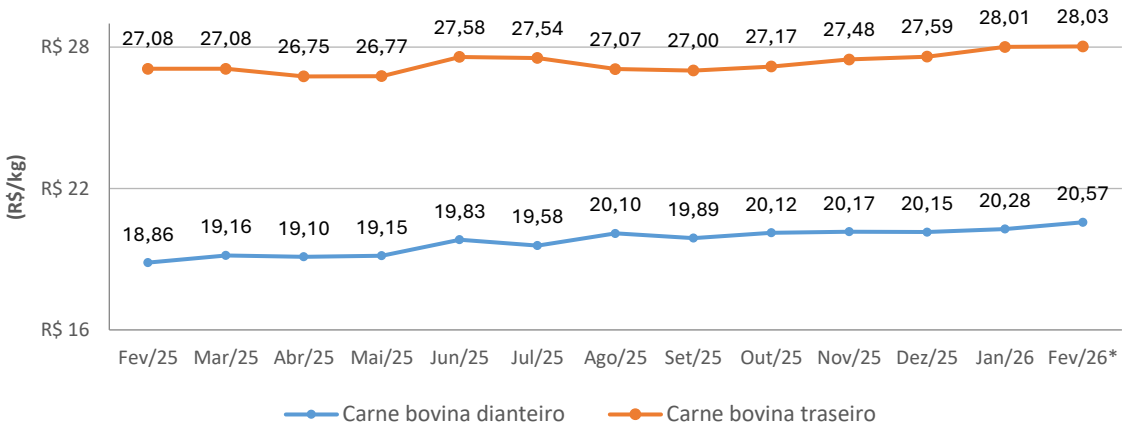


Figura 2. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R$/kg)
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fonte: Epagri/Cepa

Quando comparados os preços das primeiras semanas de fevereiro com as médias de fevereiro de 2025 – corrigidas pelo IGP-DI –, também se verificam variações positivas: 9,1% para a carne de dianteiro e 3,5% para a carne de traseiro, com média de 6,3%.

Custos

Os preços das duas categorias de animais de reposição apresentaram variações positivas nas duas primeiras semanas de fevereiro, em relação ao mês anterior. O preço dos bezerros de corte com até 1 ano registrou alta de 2,7%, enquanto os novilhos de corte de 1 a 2 anos apresentaram alta de 0,1%.

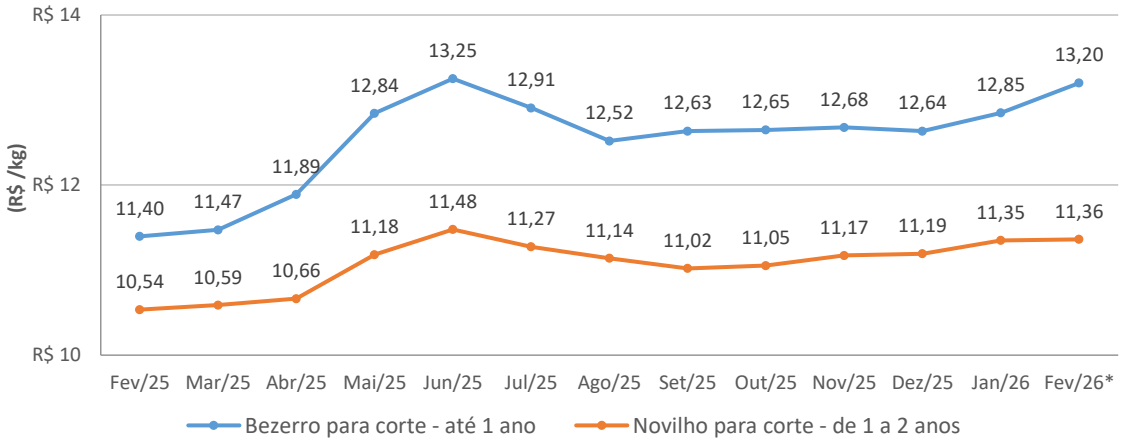


Figura 3. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R$/kg)
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fonte: Epagri/Cepa

Quando comparados os preços deste mês com os de fevereiro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se altas relevantes nos dois casos: 15,8% para os bezerros com até 1 ano e 7,8% para os novilhos de 1 a 2 anos.

Comércio exterior

O Brasil exportou **258,9 mil toneladas** de carne bovina em janeiro de 2026, volume 24,3% inferior ao de dezembro, com receitas de **US$1,39 bilhão**, recuo de 24,0% frente ao mês anterior. Apesar dessa queda expressiva em relação a dezembro, os indicadores são fortemente favoráveis quando comparados a janeiro de 2025: alta de 25,4% em quantidade e de 40,0% em receitas. Esses são os melhores resultados para o mês de janeiro desde o início da série histórica, em 1997.

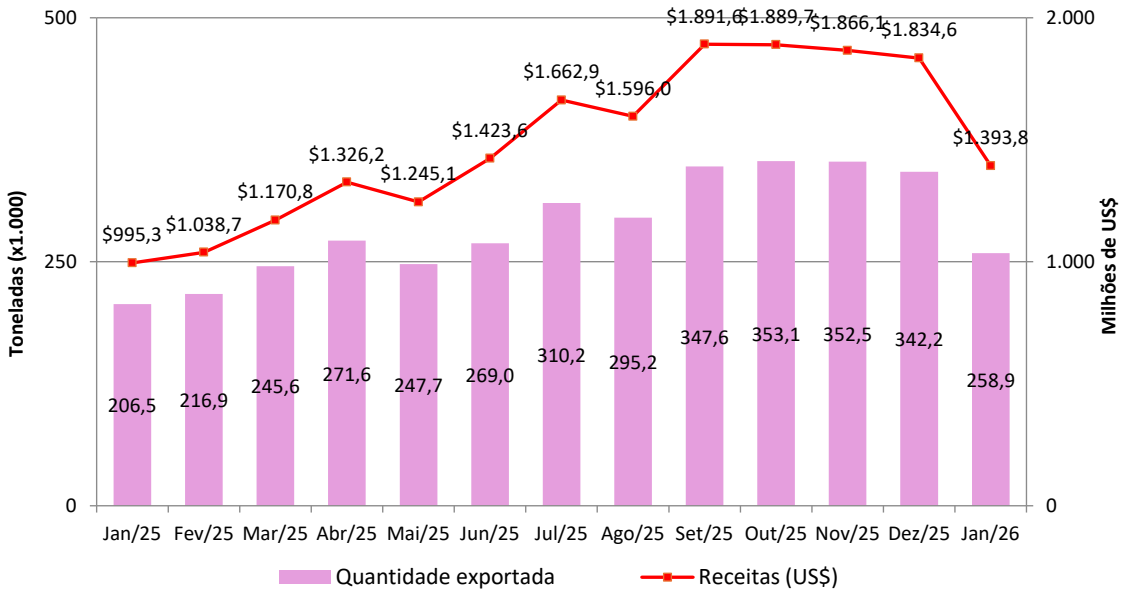


Figura 4. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas
Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne *in natura* exportada pelo Brasil no último mês foi de **US$5.573,17** por tonelada – queda de 0,6% ante dezembro, mas alta de 10,8% em relação a janeiro de 2025.

O principal destino da carne bovina brasileira exportada em janeiro foi a China, responsável por 46,7% das receitas geradas por esse produto. Os Estados Unidos foram o segundo principal destino, com 13,9% do total. Com relação a este último, vale destacar que, na comparação entre janeiro deste ano e o mesmo período de 2025, observou-se crescimento de 57,3% em quantidade e de 81,6% em receitas.

Santa Catarina exportou 358,1 toneladas de carne bovina em janeiro, com faturamento de US$1,52 milhão, o que representou um crescimento de 161,1% em volume e de 158,5% em valor, na comparação com o mesmo período de 2025.

Produção

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, em janeiro de 2026[13] foram produzidas e destinadas ao abate 56,9 mil cabeças de bovinos em Santa Catarina, montante **2,9% menor** que o registrado no mesmo período de 2025.

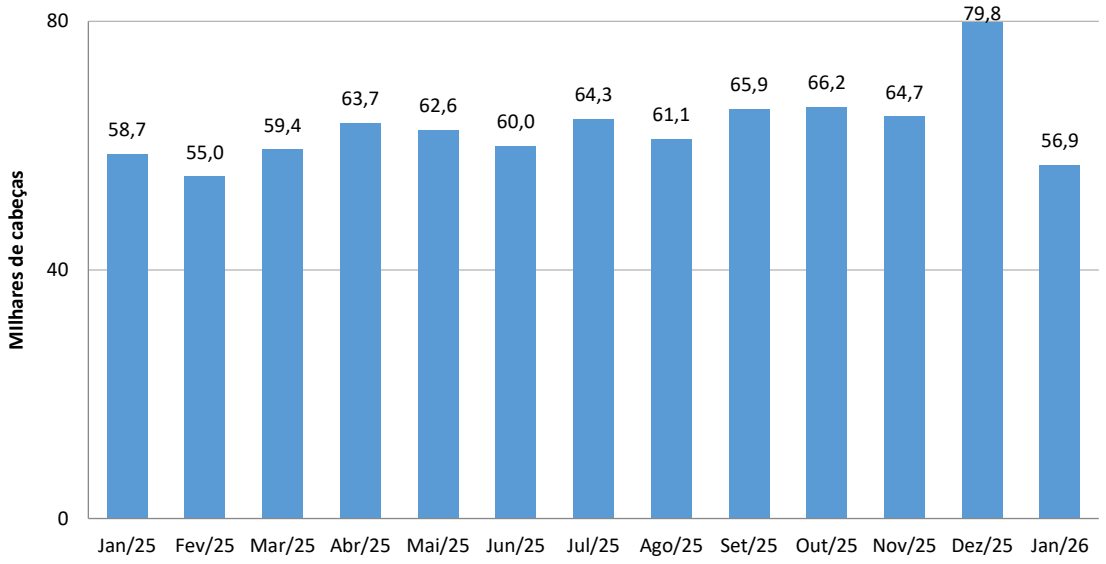


Figura 5. Bovinos – Santa Catarina: produção mensal (abates inspecionados)
Fonte: Cidasc

A participação de fêmeas no total dos abates segue elevada: 54,4% do total de janeiro, o que demonstra que o processo de redução do rebanho segue em curso, embora tenha desacelerado em relação à média do ano anterior (55,5%).

[13] Os dados referentes a janeiro de 2026 são preliminares, passíveis de atualização ao longo do corrente mês.

Pecuária

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

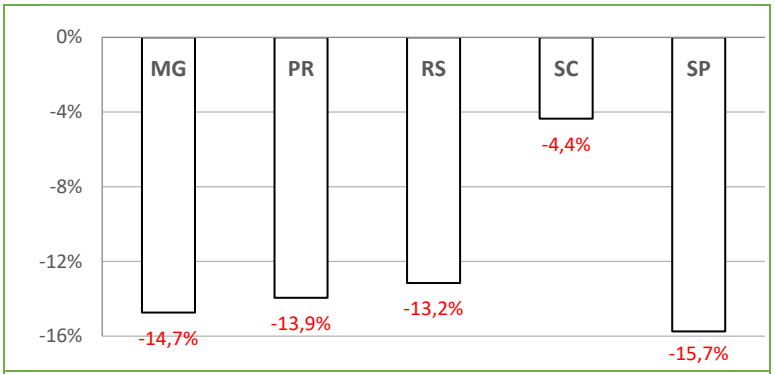


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (jan.-fev./2026(*))
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

Os preços do suíno vivo apresentaram quedas em todos os principais estados produtores nas duas primeiras semanas de fevereiro, quando comparados com o mês anterior (Figura 1). Esse movimento de queda é decorrente da conjugação de diversos fatores: elevado volume de abates nos últimos meses; redução no ritmo das exportações em janeiro (como veremos adiante); e retração no consumo interno, característica desse período.

Quando se comparam os valores preliminares de fevereiro deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se variações negativas ainda mais expressivas em quase todos os cinco estados analisados: -23,3% em Minas Gerais; -20,7% no Paraná; -19,4% em São Paulo; -17,5% no Rio Grande do Sul; e -3,5% em Santa Catarina.

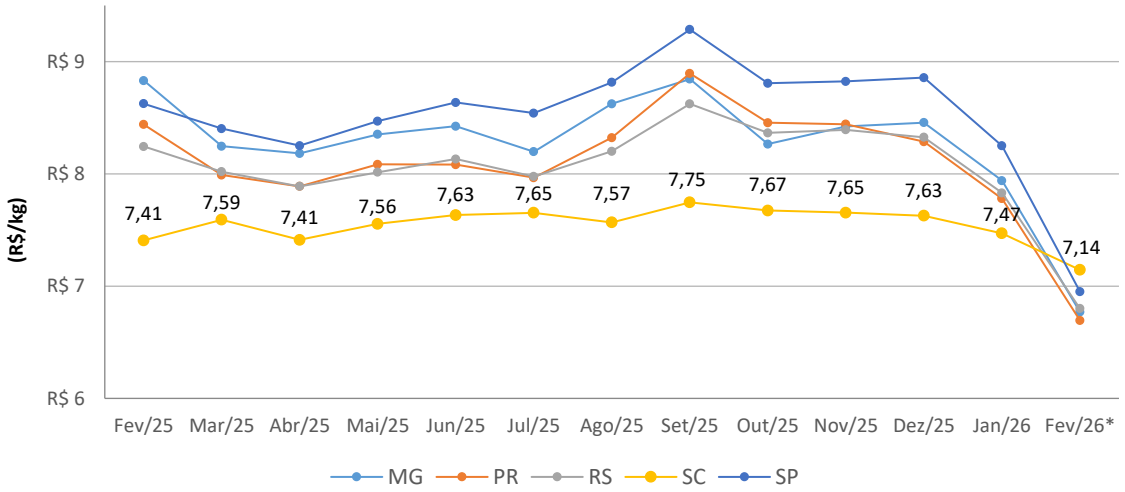


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R$/kg)
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

Quando se considera o tipo de vínculo com a agroindústria, observa-se que os preços pagos aos produtores independentes em Santa Catarina apresentaram quedas acentuadas nos últimos dois meses, em especial em fevereiro, quando a variação em relação ao mês anterior foi de -9,4%. Por outro lado, os preços aos produtores integrados subiram 1,3% no mesmo período. Esses movimentos resultaram em situação pouco comum, na qual os produtores independentes recebem valor menor do que os integrados. Quando comparados os valores de fevereiro último com os do mesmo mês de 2025, observa-se um cenário ainda mais distinto: queda de 11,6% para os produtores independentes e alta de 6,2% para os integrados.

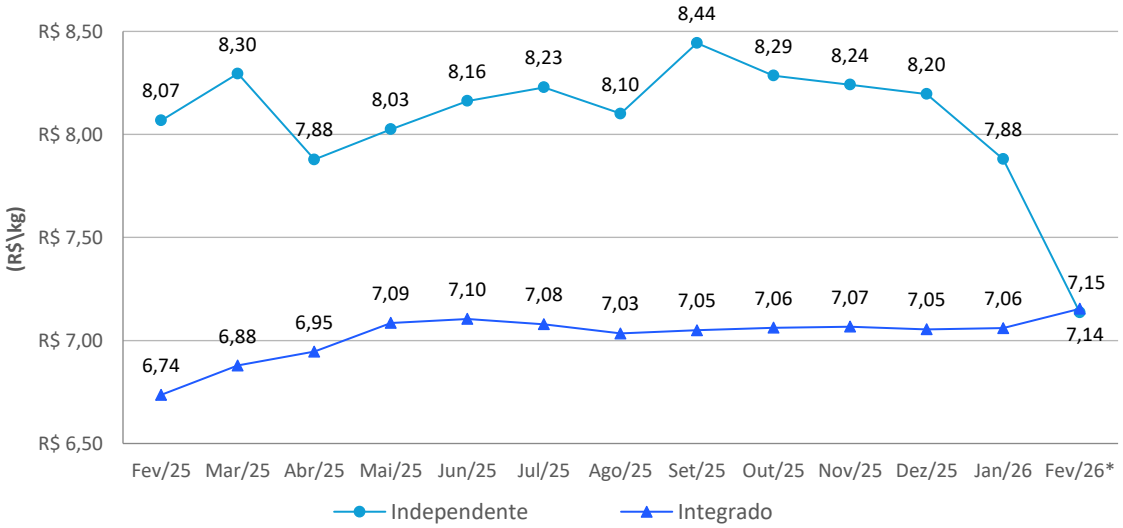


Figura 3. Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado

Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fonte: Epagri/Cepa

No mercado atacadista, as duas primeiras semanas de fevereiro foram marcadas pela predominância das variações negativas em relação ao mês anterior na maioria dos cortes acompanhados pela Epagri/Cepa: pernil (-3,8%); carcaça (-3,5%); e lombo (-1,6%). O carrê, por sua vez, apresentou alta de 1,9%, enquanto o preço da costela suína manteve-se inalterado no período. Na média dos cinco cortes, a variação foi de -1,4%.

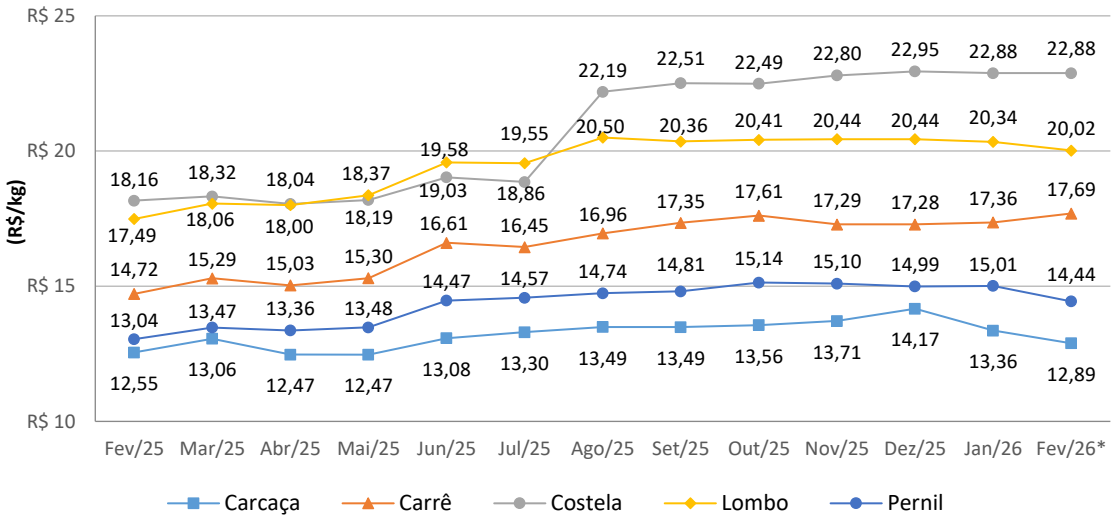


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R$/kg)
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fonte: Epagri/Cepa

Por outro lado, quando comparados os preços preliminares de fevereiro deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se variações positivas em todos os casos, algumas com índices bastante expressivos: costela (26,0%); carrê (20,2%); lombo (14,5%); pernil (10,7%) e carcaça suína (2,7%). A elevação média do período foi de 14,8%.

Custos

No que diz respeito aos preços dos leitões, as primeiras semanas de fevereiro foram marcadas por variações negativas, depois de um longo período de estabilidade ou resultados positivos. Ambas as categorias (6 kg a 10 kg e aproximadamente 22 kg) registraram queda de 1,3% em relação ao mês anterior, sob influência das quedas observadas no mercado do suíno vivo para abate. Na comparação entre os valores deste mês com os de fevereiro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, observam-se, por outro lado, variações positivas nos dois casos: 3,8% para os leitões de 6 kg a 10 kg e 7,8% para os leitões de aproximadamente 22 kg.

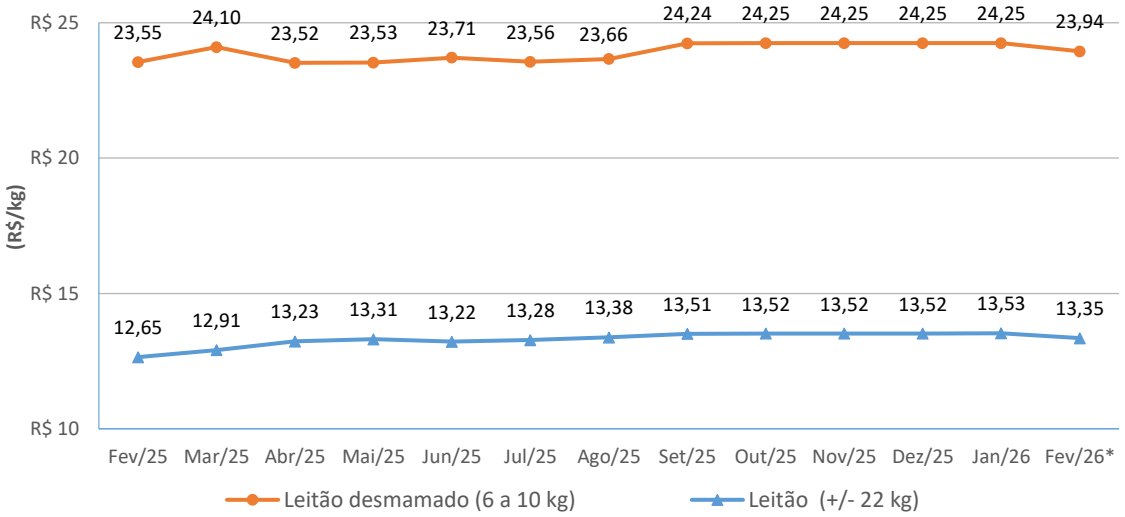


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R$/kg)
Valores corrigidos pelo IGP-DI.
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fonte: Epagri/Cepa

A relação de troca insumo-produto manteve-se estável nas duas primeiras semanas de fevereiro, com leve alta de 0,3% em relação ao mês anterior. Esse cenário é resultado das quedas nos preços médios estaduais[14] do milho (atacado), por um lado, e do suíno vivo, por outro. Na comparação com o mesmo mês de 2025, por outro lado, verifica-se uma queda de 6,9% no índice. Isso significa que os produtores precisam de aproximadamente 0,7 kg a menos de suíno vivo do que no mesmo período do ano anterior para comprar uma saca de milho.

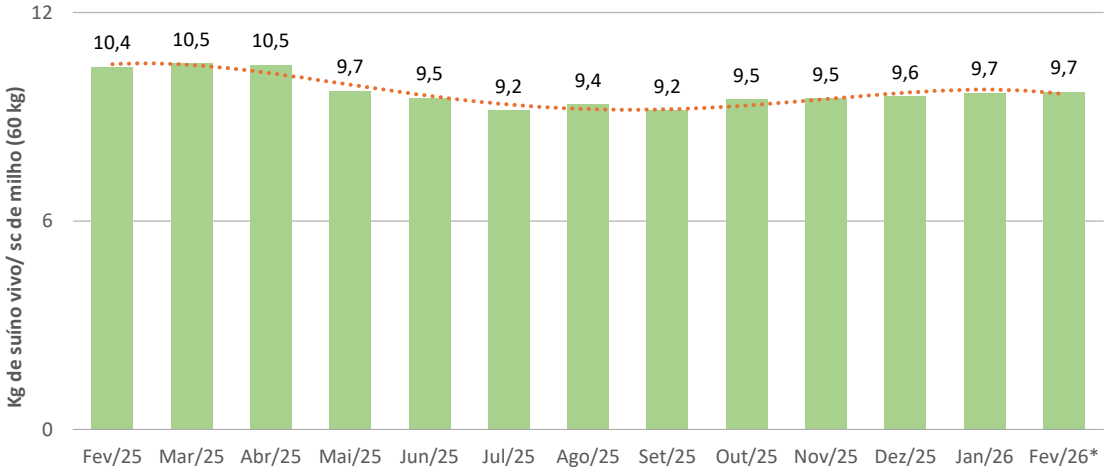


Figura 6. Suíno vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho
Para o cálculo da relação de troca, utilizam-se os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).
* Os valores de fevereiro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 13 do mês).
Fonte: Epagri/Cepa

[14] A partir da presente edição do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto será calculada levando em consideração os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

Comércio exterior

O Brasil exportou 113,0 mil toneladas de carne suína em janeiro de 2026, volume que representou queda de 16,0% em relação a dezembro, mas alta de 13,9% na comparação com janeiro de 2025. As receitas atingiram US$267,4 milhões, recuo de 16,8% frente ao mês anterior, mas crescimento de 15,5% em relação a janeiro do ano passado.

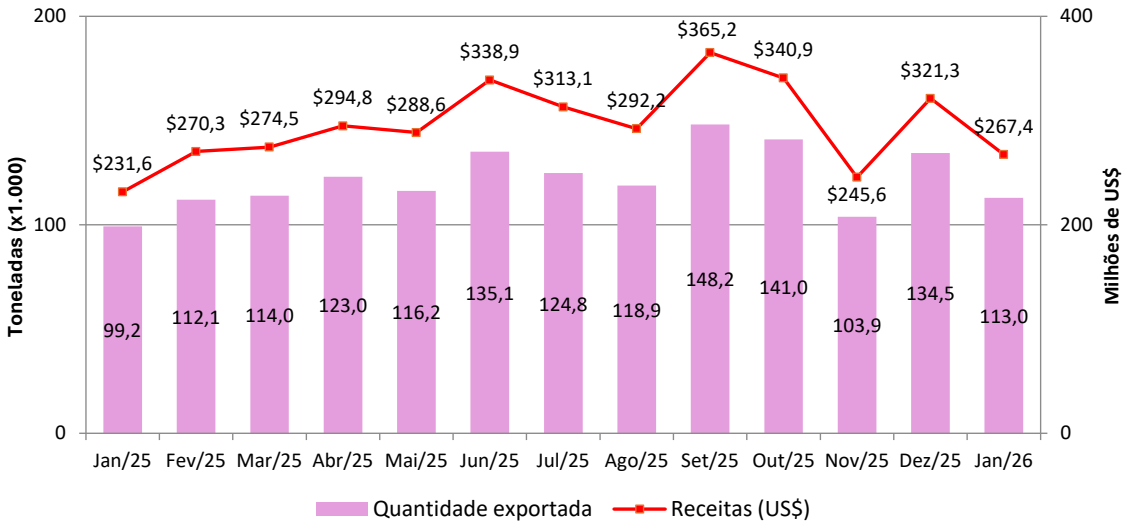


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas
Fonte: MDIC/Comex Stat

Os principais destinos das exportações brasileiras no último mês foram as Filipinas, que concentraram 30,1% das receitas totais, seguidas por Japão (16,0%), Hong Kong (7,4%), China (7,1%) e Chile (6,6%).

Santa Catarina exportou 55,8 mil toneladas de carne suína em janeiro, volume que representou queda de 17,9% em relação a dezembro, mas uma alta de 0,3% na comparação com janeiro de 2025. As receitas foram de US$138,4 milhões, com recuo de 18,5% frente a dezembro, mas crescimento de 5,9% em relação a janeiro de 2025.

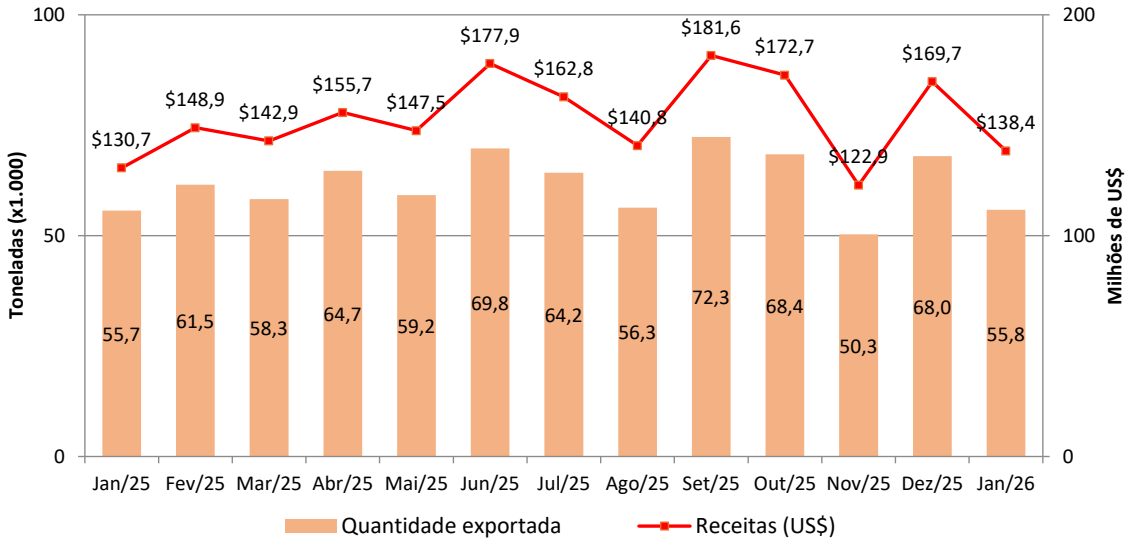


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas
Fonte: MDIC/Comex Stat

A retração observada em janeiro, na comparação com dezembro, pode ser explicada por uma conjugação de fatores, como o cenário menos dinâmico em comparação com o restante do ano, as festividades de final de ano e a realização de estoques por diversos importadores. O crescimento em relação a janeiro de 2025, por outro lado, reforça as expectativas favoráveis para o setor neste ano. Vale destacar que os resultados de janeiro representam o melhor desempenho de toda a série histórica para o referido mês, tanto em quantidade quanto em receitas.

Os três principais destinos da carne suína catarinense no último mês foram o Japão (30,9% das receitas totais), as Filipinas (20,1%) e a China (12,9%). Além de ocupar a liderança, o Japão também se destaca pelo crescimento apresentado na comparação com o mesmo período do ano anterior: aumento de 58,1% na quantidade embarcada e de 52,0% nas receitas.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan./2026

País	Valor (US$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Japão	42.822.017,00	*30,9%*	12.945	*23,2%*
Filipinas	27.843.274,00	*20,1%*	12.776	*22,9%*
China	17.840.043,00	*12,9%*	7.955	*14,2%*
Chile	9.108.532,00	*6,6%*	3.988	*7,1%*
México	6.752.982,00	*4,9%*	3.025	*5,4%*
Demais países	33.994.055,00	*24,6%*	15.156	*27,1%*
TOTAL	**138.360.903,00**	***100%***	**55.845**	***100%***

Fonte: MDIC/Comex Stat

O preço médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em janeiro ficou em **US$2.576,34** por tonelada – queda de 0,7% ante dezembro, mas 5,5% acima do valor registrado em janeiro do ano anterior.

Santa Catarina respondeu por 49,4% do volume e 51,7% das receitas totais das exportações brasileiras de carne suína em janeiro.

Produção

De acordo com os dados da Cidasc, sistematizados pela Epagri/Cepa, em janeiro de 2026[15] o estado de Santa Catarina produziu **1,40 milhão de suínos**[16] – montante 11,3% inferior ao da produção do mesmo período de 2025.

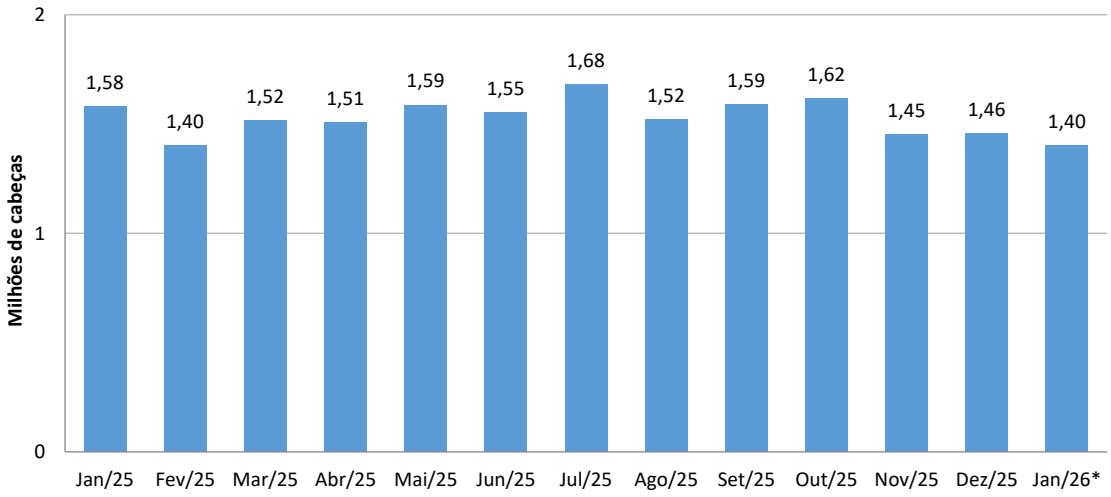


Figura 9. Suínos – Santa Catarina: produção mensal
Fonte: Cidasc

[15] Os dados referentes a janeiro são preliminares, passíveis de atualização no próximo Boletim Agropecuário.

[16] Desse total, 89,5% foram abatidos em Santa Catarina, sendo o restante destinado a abatedouros localizados em outros estados.

Pecuária

Leite

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing
Economista, Dr.a. – Epagri/Cepa
andreassing@epagri.sc.gov.br

Victor Roberto da Silva
Graduando, Engenharia Agronômica/UFSC
victorrobertos98@gmail.com

Comércio Exterior

Balança Comercial Láctea Brasileira

Em janeiro de 2026, o Brasil exportou 2,9 mil toneladas de produtos lácteos (figura 1), volume 22% inferior ao registrado em dezembro de 2025 (3,7 mil toneladas). Na comparação com janeiro de 2025, quando as exportações somaram 3,4 mil toneladas, observa-se retração de 15%.

Em termos de receita, as exportações totalizaram 6,6 milhões de dólares (valor FOB), representando queda de 8% em relação a dezembro de 2025 (7,2 milhões de dólares). No comparativo interanual, a receita também apresentou redução de 10% frente a janeiro de 2025, quando havia alcançado 7,3 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.

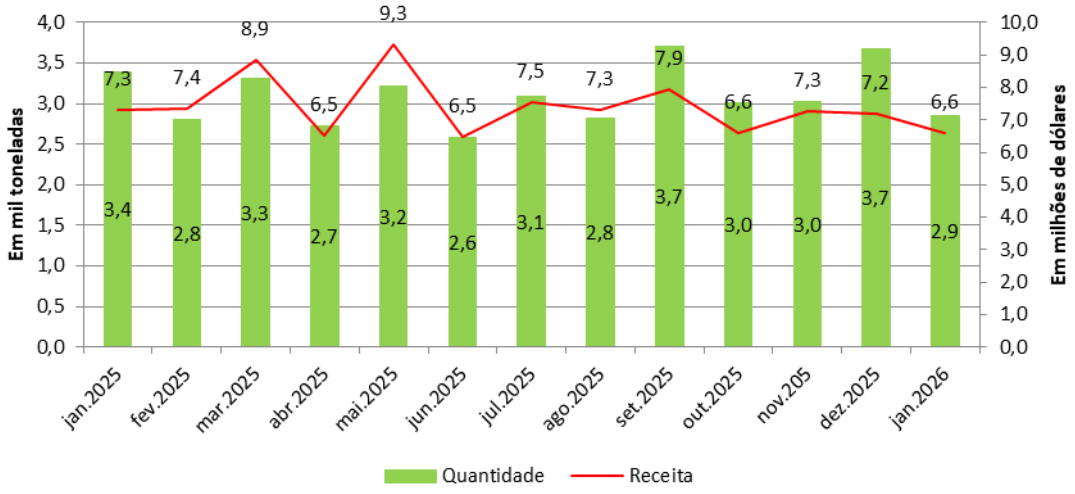


Figura 1. Leite - Brasil: evolução das exportações mensais - (jan./2025 a jan./2026)
Fonte: ComexStat/Mdic, fev.2026

Em janeiro de 2026, o Brasil importou 20,9 mil toneladas de lácteos (figura 2), volume 9% superior ao registrado em dezembro de 2025 (19,2 mil toneladas) e 14% inferior ao observado em janeiro de 2025 (24,4 mil toneladas).

O valor das importações somou 78,3 milhões de dólares (FOB), o que representa aumento de 9% em relação a dezembro de 2025 (71,7 milhões de dólares) e recuo de 19% frente a janeiro de 2025 (96,1 milhões de dólares).

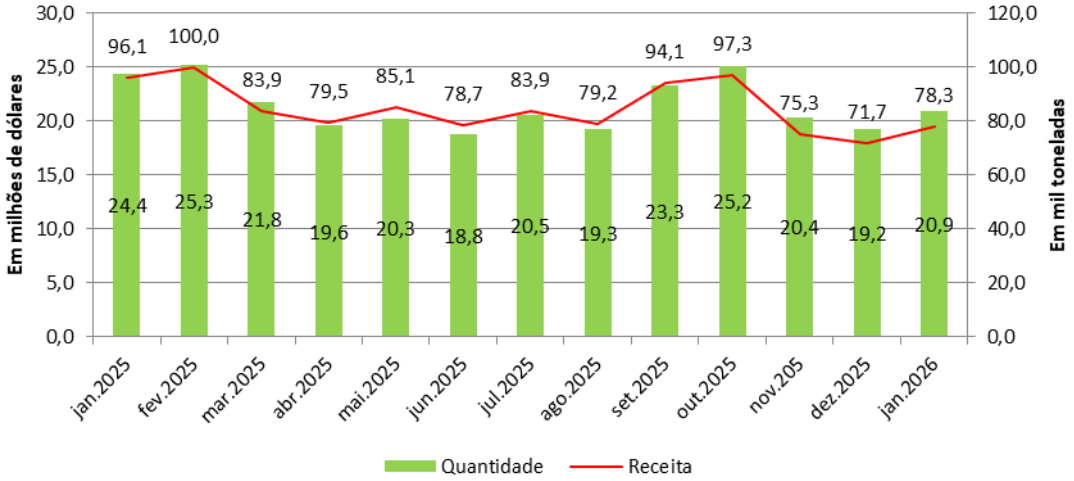


Figura 2. Leite – Brasil: evolução das importações mensais - (jan./2025 a jan./2026)
Fonte: ComexStat/Mdic, fev.2026

A balança comercial brasileira de produtos lácteos registrou, em janeiro de 2026, um déficit de 18 mil toneladas. Esse volume foi 16% maior em relação a dezembro de 2025, quando o déficit havia sido de 15,5 mil toneladas. Na comparação com janeiro de 2025, período em que o déficit alcançou 21 mil toneladas, observa-se uma redução de aproximadamente 14%.

Balança Comercial Láctea Catarinense

Em janeiro de 2026, o estado de Santa Catarina exportou 8,1 toneladas de produtos lácteos (figura 3), volume que representa queda de 89% em relação a dezembro de 2025 (73,5 toneladas) e redução de 56% na comparação com janeiro de 2025, quando as exportações somaram 18,6 toneladas.

Em termos de receita, as exportações totalizaram aproximadamente 20 mil dólares (valor FOB), o que corresponde a recuo de 92% frente a dezembro de 2025 (260 mil dólares) e diminuição de 67% em relação a janeiro de 2025, quando a receita havia sido de cerca de 60 mil dólares.

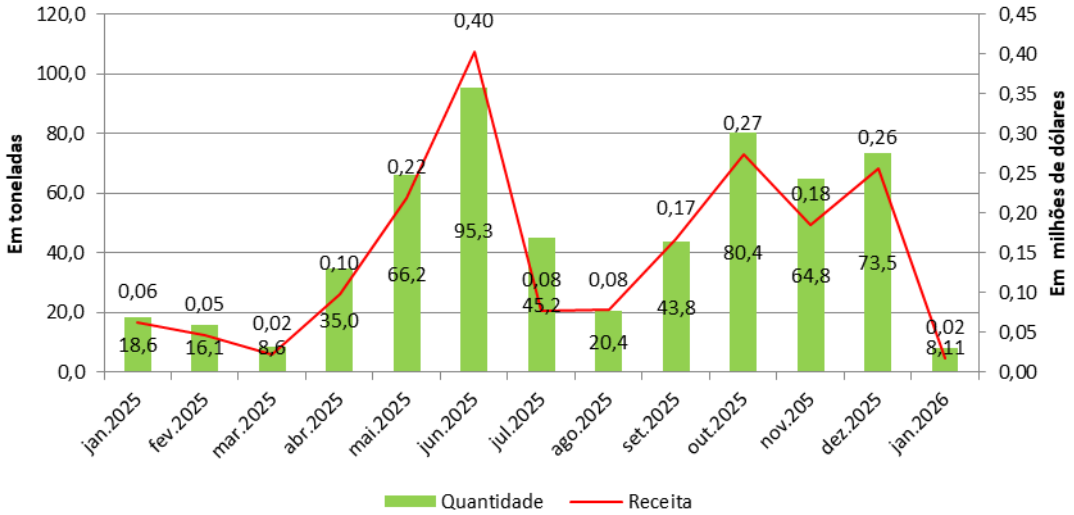


Figura 3. Leite - SC: evolução das exportações mensais - (jan./2025 a jan./2026)
Fonte: ComexStat/Mdic, fev.2026

No mês de janeiro de 2026, as importações de produtos lácteos por Santa Catarina totalizaram 498 toneladas (figura 4), o que representa queda de 17% em relação a dezembro de 2025 (601 toneladas) e redução de 37% na comparação com janeiro de 2025, quando foram importadas 788 toneladas.

A receita das importações somou 2,3 milhões de dólares (valor FOB), registrando aumento de 5% frente a dezembro de 2025 (2,2 milhões de dólares) e recuo de 36% em relação a janeiro de 2025, quando o valor importado alcançou 3,6 milhões de dólares.

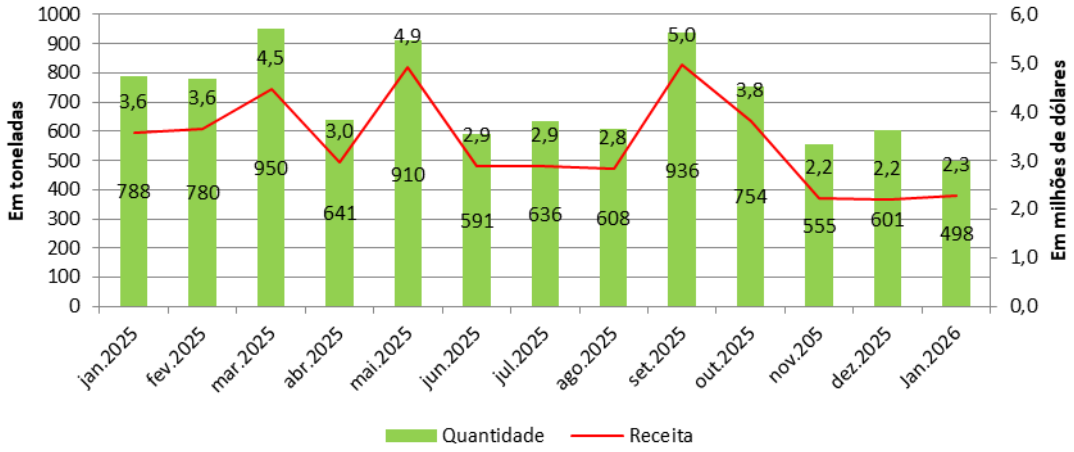


Figura 4. Leite – SC: evolução das importações mensais - (jan./2025 a jan./2026)
Fonte: ComexStat/Mdic, fev.2026

A balança comercial catarinense de produtos lácteos registrou, em janeiro de 2026, um déficit de aproximadamente 490 toneladas, resultado de importações de 498 toneladas e exportações de 8 toneladas. Esse saldo negativo representou queda de cerca de 7% em relação a dezembro de 2025, quando o déficit foi de aproximadamente 528 toneladas.

Na comparação com janeiro de 2025, período em que o déficit alcançou cerca de 770 toneladas, observa-se melhora no desempenho da balança, com redução de aproximadamente 36% no saldo negativo.

Preços Mercosul

Preços Argentina, Uruguai e SC

Os dados do Instituto Nacional de la Leche (Inale) e da Dirección Nacional de Lechería, instituições do Uruguai e da Argentina, respectivamente, indicam que os valores pagos pela indústria catarinense aos produtores de leite são superiores aos praticados nesses dois países (Figura 5).

No Uruguai, os preços pagos ao produtor apresentaram relativa estabilidade ao longo de 2025, oscilando entre US$ 0,42/litro e US$ 0,44/litro. Já na Argentina, observa-se uma trajetória de queda iniciada no segundo semestre de 2024, com os preços atingindo US$ 0,33/litro em outubro de 2025 e permanecendo nesse patamar até o mês dezembro.

Em Santa Catarina, conforme dados coletados pela Epagri/Cepa, os preços do leite pagos ao produtor entre os meses de junho e dezembro alcançaram US$ 0,38/litro. Esse resultado aponta maior competitividade do produto catarinense em relação ao uruguaio. Contudo, quando comparado ao produto argentino, Santa Catarina mantém desvantagem, uma vez que o preço em dólares é aproximadamente 15% superior.

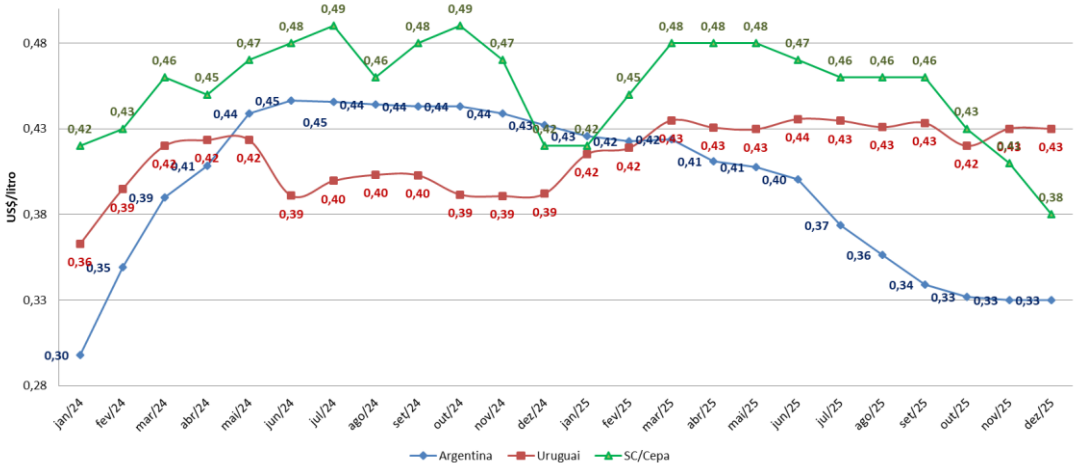


Figura 5. Preço pago ao produtor pelo litro do leite na Argentina, Uruguai e Santa Catarina
Fonte: Dirección Nacional de Lechería - Argentina, Inale - Uruguai, Epagri/Cepa- Santa Catarina. fev/2026

Os preços pagos ao produtor exercem papel fundamental como balizadores do custo de produção dos derivados lácteos. Nesse contexto, a vantagem competitiva observada no mercado argentino ao longo de 2025 decorre, sobretudo, da expressiva desvalorização cambial da moeda argentina, que acumulou queda de 42% frente ao dólar.

A Figura 5 corrobora essa interpretação. Ao comparar os dados de preços no varejo do leite UHT em Buenos Aires, divulgados pelo *Observatorio de la Cadena Láctea Argentina* (OCLA) em pesos argentinos (ARS$), com os preços praticados em Florianópolis, publicados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) em reais (R$), observa-se que o mercado portenho não registrou quedas abruptas como no preço pago ao produtor, apresentando, inclusive, elevação de preços nos meses de novembro e dezembro. Em contraste, no mercado florianopolitano, os preços do leite UHT apresentaram um movimento de forte retração entre os meses de agosto e dezembro.

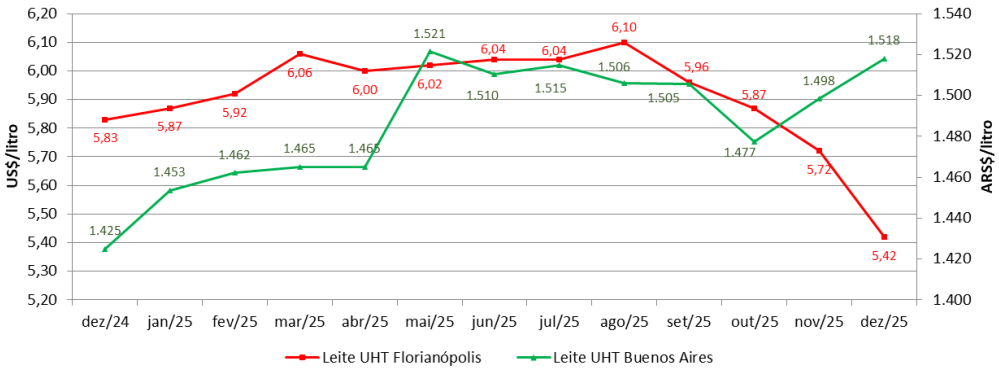


Figura 5. Preço pago pelo leite UHT em Buenos Aires e Florianópolis
Fonte: OCLA e DIEESE. fev/2026

Ao converter os valores do leite UHT no varejo para dólares e compará-los ao preço pago ao produtor, observa-se que a margem apropriada pelos elos do atacado e do varejo é maior na Argentina do que em Santa Catarina. Para essa análise, consideram-se os preços de Buenos Aires como proxy dos valores praticados no mercado argentino e os de Florianópolis como representativos do mercado catarinense.

Preços estaduais

Leite cru - Preço de referência Conseleite e Preço pago ao produtor Epagri/Cepa

No dia 23 de janeiro, o Conseleite/SC realizou sua décima segunda reunião de 2025, ocasião em que aprovou e divulgou os valores de referência para o mês de dezembro, além de projetar os valores para janeiro. Para o leite padrão, os valores nominais foram, respectivamente, R$ 2,0497/litro e R$ 2,03/litro, o que representa queda de R$ 0,0197/litro (figura 6).

Para janeiro de 2026, a Epagri/Cepa estimou o preço médio mais comum pago ao produtor em 1,96/litro, uma redução real de R$ 0,10 por litro em relação ao valor de R$ 2,06/litro registrado em dezembro de 2025 (figura 6). Nos primeiros dias de fevereiro de 2026, a estimativa parcial do preço pago ao produtor foi de R$ 2,03 por litro, representando aumento real de R$ 0,07/litro. Com isso, o valor efetivamente pago alinhou-se ao preço de referência estabelecido pelo Conseleite.

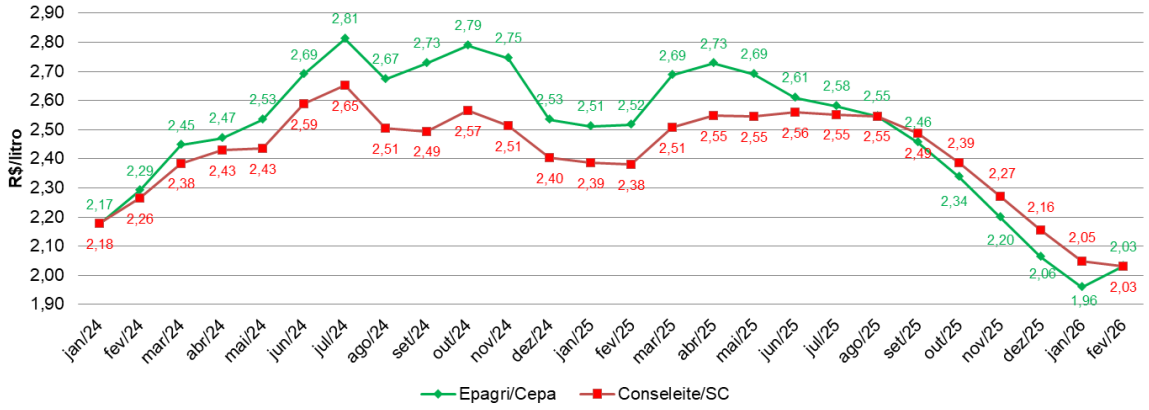


Figura 6. Leite - SC: evolução do preço médio nominal mensal ao produtor - (jan./2024 a fev./2026*)
(*). Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.
Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI
Fonte: Epagri/Cepa, fev./2026

Preços dos derivados do leite

A partir de janeiro de 2026, o preço médio do leite longa vida (UHT), no atacado, passou a apresentar movimento de recuperação, interrompendo a trajetória de queda observada a partir do segundo semestre de 2025. Em janeiro, o valor médio foi de R$ 3,30 por litro, avançando para R$ 3,42 por litro em fevereiro de 2026, o que representa uma elevação real de R$ 0,12 por litro no período. Esse comportamento sinaliza mudança de tendência no mercado atacadista, indicando um ambiente mais favorável para os próximos meses (figura 7).

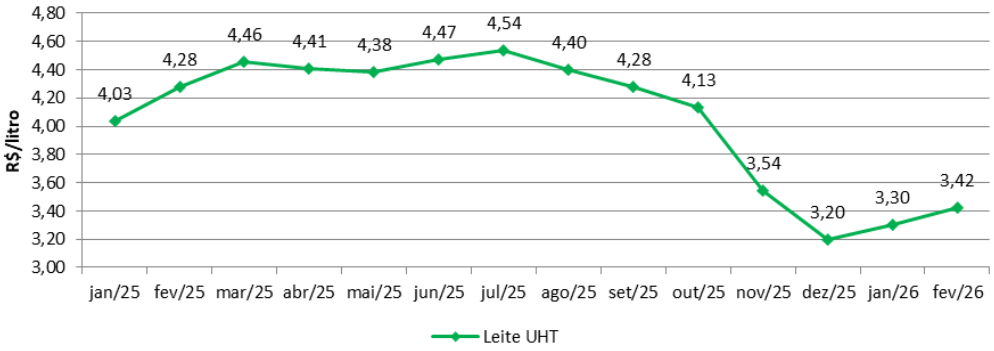


Figura 7. Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (jan./2025 a fev./2026*)
(*). Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.
Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI
Fonte: Epagri/Cepa, fev./2026

Para o queijo mussarela, os preços médios no atacado, por quilograma do produto, mantiveram trajetória de recuperação nos últimos três meses analisados. Em dezembro, o preço médio foi de R$ 24,30/kg, elevando-se para R$ 25,20/kg em janeiro e atingindo R$ 25,50/kg nos primeiros 10 dias de fevereiro. No período, observa-se uma alta acumulada de R$ 1,20/kg, o que corresponde a uma variação positiva de 4,9% (figura 8).

No caso do queijo prato, os preços médios no atacado apresentaram leve recuperação após a forte queda observada no último trimestre de 2025. Em dezembro, o valor médio foi de R$ 26,00/kg para R$ 26,80/kg em janeiro e mantendo-se praticamente estável em R$ 26,80/kg os primeiros 10 dias de fevereiro. A variação acumulada no período foi de R$ 0,80/kg, equivalente a um aumento de 3,1% (figura 8).

Em relação ao leite em pó, observa-se relativa estabilidade dos preços no atacado ao longo dos três meses. Em dezembro, o preço médio foi de R$ 30,00/kg, com leve queda para R$ 29,10/kg em janeiro e recuperação para R$ 30,00/kg nos primeiros 10 dias de fevereiro. No acumulado do período, o preço manteve-se praticamente estável, sem variação significativa (figura 8).

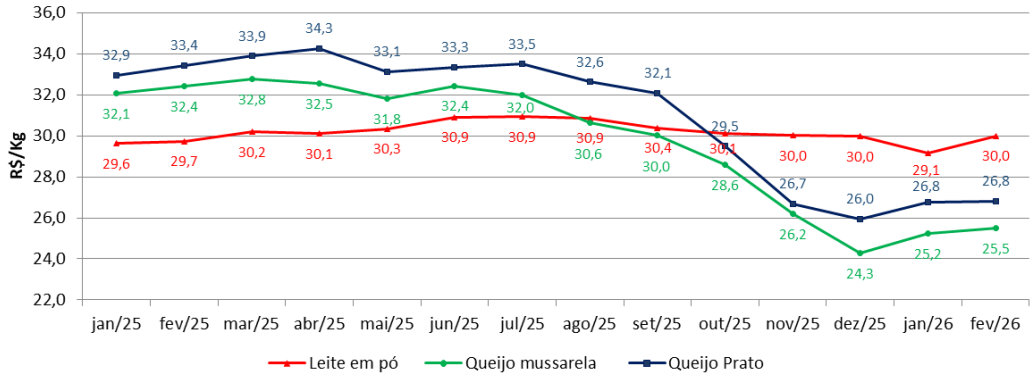


Figura 8. Produtos Lácteos - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (jan./2025 a fev./2026*)
(*). Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.
Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI
Fonte: Epagri/Cepa, fev./2026

Variação dos preços por praça

Em janeiro de 2026, a maior parte das praças analisadas registrou queda mensal no preço mais comum pago ao produtor pelo litro de leite em relação a dezembro de 2025 (tabela 1). As únicas exceções foram o Litoral Norte, que apresentou aumento de 8%, com o preço passando de R$ 2,44 para R$ 2,65 por litro, e o Litoral Sul que manteve o valor estável em R$ 2,17. As reduções mais intensas foram observadas no Alto Vale do Rio do Peixe (-12%), onde o preço recuou de R$ 1,93 para R$ 1,71, seguido pelo Meio Oeste (-8%), com queda de R$ 2,02 para R$ 1,86, e pelo Oeste (-8%), cujo valor passou de R$ 2,04 para R$ 1,88. Também houve retrações no Extremo Oeste (-5%) e na Grande Florianópolis (-2%), indicando um cenário predominantemente de desvalorização no início do ano, ainda que com comportamento distinto entre as regiões.

Na comparação entre janeiro de 2025 e janeiro de 2026, os preços pagos ao produtor apresentaram queda na maioria das praças, evidenciando um quadro de retração interanual. As maiores variações negativas foram registradas respectivamente no Alto Vale do Rio do Peixe (-34%), no Oeste (-27%), Meio Oeste (-24%), Extremo Oeste (-23%) e no Litoral Sul (-14%). Em contraste, o Litoral Norte foi a única praça a registrar valorização anual (9%), com o preço passando de R$ 2,43 para R$ 2,65. Para a Grande Florianópolis, não há dados disponíveis para janeiro de 2025, impossibilitando a comparação anual. Dados parciais para o mês de fevereiro, como demostrado já na figura 6, apontam para o início do ciclo de retomada dos preços.

Tabela 1. Leite - Comparativo de preços pagos ao produtor por Praças em Santa Catarina (litro)

Praça	Jan. 2026	Dez.2025	Var. mensal	Jan.2025	Var. anual
Oeste	1,88	2,04	-8%	2,56	-27%
Extremo Oeste	1,92	2,01	-5%	2,49	-23%
Meio Oeste	1,86	2,02	-8%	2,45	-24%
Litoral Norte	2,65	2,44	8%	2,43	9%
Alto Vale do Rio do Peixe	1,71	1,93	-12%	2,59	-34%
Litoral Sul	2,17	2,17	0%	2,52	-14%
Grande Florianópolis	2,24	2,28	-2%	-	-

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI
Fonte: Epagri/Cepa,fev./2026

Epagri
CEPA
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola